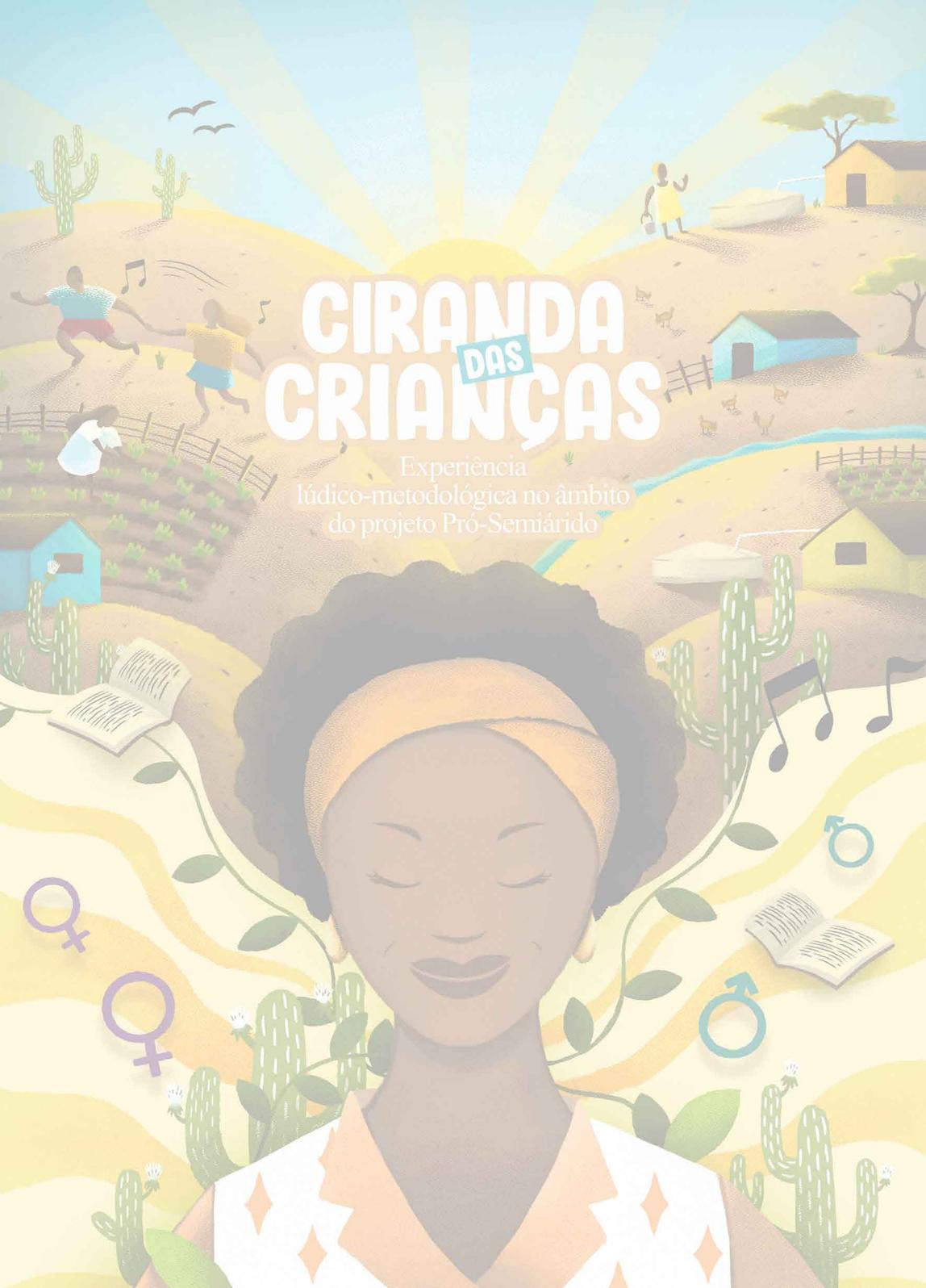




CIRANDA DAS CRIANÇAS

Experiência
lúdico-metodológica no âmbito
do projeto Pró-Semiárido



CIRANDA DAS CRIANÇAS

Experiência
lúdico-metodológica no âmbito
do projeto Pró-Semiárido

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ciranda das crianças : experiência
lúdico-metodológica no âmbito de projeto
Pró-Semiárido. -- 1. ed. -- Feira de Santana,
BA : Governo do Estado da Bahia, 2021.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-994888-1-8

1. Assistência social 2. Capacitação profissional
3. Educação profissional 4. Mulheres.

21-74288

CDD-370.113

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação profissional 370.113

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

GOVERNADOR: Rui Costa

VICE-GOVERNADOR: João Leão

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL (SDR)

SECRETÁRIO: Josias Gomes

**COMPANHIA DE
DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL - CAR**

DIRETOR-PRESIDENTE: Wilson Dias

**PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO
COORDENAÇÃO GERAL:** Cesar Maynard

**ASSESSORA DE GÊNERO
COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Ana Elizabeth Siqueira

EDIÇÃO DE CONTEÚDO

Aline Queiroz e Elka Macêdo

ILUSTRAÇÕES

Felipe Silva

FOTOS

Ivânia Freitas e Manuela Cavadas
Arquivos pessoais/Técnicas(os) do Pró-Semiárido

PROJETO GRÁFICO / EDITORAÇÃO

Notre comunicação

SALVADOR

Av. Luiz Viana Filho - Conjunto Seplan - CAB
CEP: 41.745 001 - Salvador - Bahia

CONTATOS

www.sdr.ba.gov.br

www.car.ba.gov.br/projetos/pro-semiarido

REDES SOCIAIS

Instagram: @sdrbahia

Facebook: facebook.com/carbahia

Twitter: @SDRBahia

Índice

PARTE 1

06 O PRÓ-SEMIÁRIDO

07 INTRODUÇÃO

Do lúdico ao educativo

Ciranda das Crianças: ação afirmativa de gênero e geração

PARTE 2

CIRANDA CIRANDINHA, VAMOS TODOS CIRANDAR

A Ciranda como referencial teórico-acadêmico e práxis inovadora e exitosa no semiárido baiano

10 A inovação da Ciranda das Crianças

15 Formação de cirandeiros e cirandeiros: os primeiros passos para concretizar as cirandas das crianças nos territórios rurais

21 Caderno orientador: Ciranda das Crianças do Pró-Semiárido

23 Formação de Cirandeiros e Cirandeiros: semeando esperanças nos Territórios do Piemonte Norte do Itapicuru e Sisal

27 Relato sobre a formação de cirandeiros e cirandeiros realizada pelo Instituto Rumos

37 Caminhando e Cantando na Ciranda da Diversidade:

A perspectiva multifocal na formação de cirandeiros/os do Projeto Pró-Semiárido

46 Vivências e Convivências: Uma experiência educativa na formação de Cirandeiros e Cirandeiros no semiárido brasileiro

PARTE 3

A EXPERIÊNCIA DAS CIRANDAS NO CAMPO E NAS RELAÇÕES

Por uma ATER integradora

53 As Cirandas no Pró-Semiárido: Experiências do projeto no Piemonte da Diamantina

61 A experiência do SAJUC com as ações de gênero no projeto: Ciranda das Crianças

63 Atuação das cirandeiros nas atividades socioculturais e produtivas do pró-semiárido nos territórios rurais de assessoria técnica contínua da CACTUS

PARTE 4

CIRANDAS DO FUTURO

Da formação política-pedagógica à formação para a vida

67 Uma ciranda que garante participação e gera autonomia

75 Precisamos dar as mãos, fortalecer as Cirandas e assim garantir mais mulheres nos espaços públicos

PARTE 5

QUEM ENTROU NA RODA?

A Ciranda em números

82 CONCLUSÃO





O PRÓ-SEMIÁRIDO

O Pró-Semiárido é uma ação do Governo do Estado de combate à pobreza rural, executada pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) e cofinanciada pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). O projeto atua em 782 comunidades rurais de 32 municípios do semiárido baiano, prioritariamente as quilombolas, de fundo e fecho de pasto, indígenas e assentamentos rurais.

Estão comprometidos na execução do projeto R\$500 milhões, o que tem possibilitado transformações econômicas e sociais importantes, por meio de metodologias participativas e horizontalizadas, a exemplo do Assessoramento Técnico Continuado (ATC) oferecido às famílias agricultoras, atividades para promoção e fomento a segurança hídrica e de produção agroecológica, agroindustrialização, acesso a mercados e políticas públicas; ações destinadas às questões de gênero, juventude, geração, raça e etnia, e para o fortalecimento administrativo e institucional das associações comunitárias conveniadas ao projeto.

Os investimentos aplicados por meio do Pró-Semiárido têm viabilizado, ainda, a implantação de tecnologias produtivas sustentáveis, a construção de empreendimentos, a abertura de postos de trabalho e o aumento da produção agrícola e não agrícola, com foco nos princípios da agroecologia e convivência com o Semiárido.



Introdução

*Ana Elizabeth Siqueira¹

CIRANDA DAS CRIANÇAS

Ação Afirmativa de Gênero e Geração

A proposta inicial do Plano de Ação em Gênero do Projeto Pró-Semiárido, elaborado em 2015, previa atuar na perspectiva de diminuir as desigualdades de gênero nas comunidades rurais atendidas pelo Projeto. Para tal, propomos trabalhar na expectativa de promover a Equidade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. O caminho percorrido para atingir esse propósito teve como estratégia metodológica duas abordagens: a formação específica com a equipe técnica e a transversalização do enfoque de gênero. Isso significa garantir que o recorte transversal de gênero esteja presente na estrutura de execução do projeto e de todas as ações dos dois componentes: Capital Humano e Social e de Desenvolvimento Produtivo, Acesso a Mercados e Sustentabilidade Ambiental, conforme está estruturado o Pró-Semiárido.

Para viabilizar a inclusão social e a equalização das oportunidades, se fez necessário criar estratégias e algumas ações, para possibilitar e garantir a inserção e participação efetiva das mulheres, de forma mais ativa nas decisões dos grupos produtivos e organizativos das comunidades, nas estruturas criadas pelo projeto. Uma dessas estratégias é a Ciranda das Crianças, pensada para garantir, através de atividades pedagógicas, o cuidado das crianças, para assegurar a participação plena dos pais nas atividades, mas principalmente das mulheres, já que o “cuidado” com os filhos e filhas ainda é quase totalmente assumido por elas. Então a Ciranda das Crianças dá oportunidade às mulheres de participarem nas atividades promovidas pelo Pró-Semiárido, sem ter que se preocuparem com as crianças.

A “Ciranda das Crianças” é uma ação afirmativa de gênero e geração dentro do Pró-Semiárido, que visa garantir a participação integral das mulheres e dos homens, mães e pais das crianças, nas atividades de formação e capacitação, previstas no projeto, fortalecendo o enfoque geracional. É uma estratégia para inserir a abordagem de geração no Pró-Semiárido, ao envolver nessa atividade três gerações: crianças, jovens (homens e mulheres) e adultos. Essa ação, além de garantir a participação das mulheres e dos homens adultos, também possibilita às crianças, que geralmente acompanham suas mães nas atividades, participarem de um processo de sensibilização para o enfoque de gênero, na perspectiva de desconstrução de preconceitos étnicos raciais e de gênero.

¹Assessora de Gênero do projeto Pró-Semiárido



A “Ciranda das Crianças” é uma ação inovadora, porque possibilita inserir as crianças no projeto, não só com atividades recreativas e de cuidado, mas com o objetivo de desencadear, através de atividades pedagógicas, de forma lúdica, um espaço coletivo de aprendizagem, experimentação entre crianças e adultos, com brincadeiras educativas e divertidas. Com essa estratégia lúdica e formativa, conseguimos inserir as crianças nas atividades dos seus pais, visando a sucessão geracional, baseada no desenvolvimento de valores, que fortaleçam a identidade camponesa em seus potenciais. Acreditamos estar investindo na preparação de futuras lideranças, numa perspectiva de futuros cidadãos e cidadãs, com menos preconceitos e sem atitudes machistas.

Para a concretização das “Ciranda das Crianças” foi preciso investir fortemente na formação de pessoas escolhidas pelas comunidades rurais, em sua maioria jovens (homens ou mulheres), para serem responsáveis pela realização efetiva da ciranda. A essas pessoas escolhidas foi dado o nome de cirandeiras ou cirandeiros e, para realizar as cirandas das crianças, foram fornecidos um caderno orientador e o “kit cirandeiras/os”, que inclui diversos materiais didáticos como CDs, vídeos para sensibilização sobre questões de gênero e de raça/etnia, livros de histórias infantis, jogos de memória com temáticas relacionadas ao semiárido, entre outros.

Estrategicamente, aproveitamos a formação das/os cirandeiras/os para trabalhar com os jovens, principalmente as mulheres. Acreditamos que ao mobilizar, capacitar e estimular uma maior participação na comunidade, como educadores e educadoras nas temáticas principais proposta pelo Pró-Semiárido, como agroecologia, convivência com o semiárido, segurança alimentar, gênero, raça/etnia entre outras, estamos fortalecendo os jovens dessas comunidades. E, colaborando na qualificação dessas possíveis novas lideranças comunitárias, possibilitar a desconstrução de preconceitos de gênero e étnico racial, para que a/o cirandeira/o sensibilizada/o acumule conhecimento, consciência de sua responsabilidade e compromisso, nesse processo educativo com as crianças.

É importante ressaltar que a ideia de convidar jovens homens para serem cirandeiros foi uma estratégia da ação de gênero, para tentar desconstruir o lugar do cuidado das crianças como exclusividade das mulheres, levando-os a pensar como se dá as relações de gênero, imbricada com as questões raciais e geracionais, em suas vidas e no dia-a-dia do trabalho na área rural. Na perspectiva de desconstruir no cotidiano de homens e mulheres os estereótipos de gênero aprendidos com os ancestrais, tão difíceis de remover, mas possíveis de mudar. Cuidar das crianças também é coisa de homem!

Antonio Ivo, formador do Instituto Rumos, durante o 1º Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade Senhor do Bonfim - Bahia



CIRANDA CIRANDINHA, VAMOS TODOS CIRANDAR



A Ciranda como referencial teórico acadêmico e práxis inovadora e exitosa no Semiárido baiano

Vamos conhecer neste capítulo a Ciranda das Cirandas enquanto estratégia inovadora e transversal de gênero, seus impactos e perspectivas e as etapas para a sua implantação no âmbito do Pró-Semiárido, a começar pela sensibilização das/os agricultoras/es e a identificação de parceiros para conduzir o processo de formação. Vamos falar também do processo para elaboração de uma metodologia de trabalho própria e única a ser aplicada em todos os territórios de identidade que compõem o projeto; sobre a conquista de poder levar a formação para todas as áreas de abrangência do Pró-Semiárido, como também a experiência vivenciada pela equipe técnica do projeto, das entidades formadoras e, finalmente, por aquelas/es que decidiram deixar-se embalar e se tornar uma cirandeira, um cirandeiro.

*Lançamento da Proposta da
Ciranda, em conjunto com a Rumos no
Sindicato de Senhor do Bonfim - BA*



Foto: Náinia Freitas

A INOVAÇÃO DA CIRANDA DAS CRIANÇAS

“Esta ciranda não é minha só, ela é de todos nós”

Rodica Weitzman²

1. Introdução



“Ciranda das Crianças” representa uma estratégia fundamental para garantir uma abordagem transversal de gênero no Projeto Pro-Semiárido, o que se torna evidente ao analisar sua capilaridade, uma vez que consegue envolver diversos públicos a partir de diferentes objetivos, além de cultivar uma relação imbricada com outras ações estratégicas. É importante ressaltar que esta ação foi incorporada no desenho do Projeto Pró-Semiárido no ano de 2014 e representa um dos alicerces de uma estratégia institucional de gênero que busca empoderar as mulheres enquanto sujeitos políticos, a partir de processos coletivos, além de contribuir para transformações duradouras nas relações sociais de gênero, geração, raça e etnia. O Projeto Pró-Semiárido se destaca por sua abordagem interseccional de gênero, operando a partir de um entendimento sistêmico das desigualdades sociais. Parte do pressuposto de que há uma teia de interconexão entre gênero, raça, etnia, geração e outras formas de opressão que interferem na construção das identidades coletivas e nas dinâmicas relacionais.

Algumas dimensões do Projeto Pró-Semiárido, no que diz respeito à sua estratégia com gênero, merecem destaque: desenvolvem ações estratégicas de formação que visam o fortalecimento da organização social com grupos de mulheres, de homens e mistos, por meio de atividades pedagógicas focadas em diversas temáticas; encontros territoriais e intercâmbios; investe em estratégias específicas de fortalecimento das mulheres, a partir de suas atividades produtivas nos quintais, por meio das Cadernetas Agroecológicas; incorpora o enfoque de gênero nos treinamentos efetivados com os Jovens Comunicadores e os/as ACRs - Agentes Comunitários Rurais; e fomenta processos de formação com as equipes da UGP e URGP's e organizações parceiras de ATER sobre o tema de gênero e suas interfaces temáticas, para prepará-las para realizar intervenções qualificadas no campo junto às comunidades. A ação das Cirandas e Cirandeiras se insere dentro deste conjunto de ações, sendo mais uma peça neste colchão de retalhos que tem sido costurado desde o início do ciclo de implementação do Pró-Semiárido, com cuidado, zelo e astúcia.

²Doutora em Antropologia Social (PPGAS-MN/UFRJ), com pós-doutorado pelo IPPUR/UFRJ dentro da linha de pesquisa associada a “Conflitos Socioambientais”. Atualmente é pós-doutoranda no CPDA/UFRRJ, integra o Grupo de Trabalho “Gênero e Ruralidades” (CPDA/UFRRJ), o “NuAP – Núcleo de Antropologia da Política” (UFRJ, UFF) e o Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia. Desde 2013, tem atuado como Consultora para FIDA nos temas de Gênero, raça e etnia; Segurança Alimentar e Nutricional; e Comunicação Social/ Gestão de Conhecimento.

³Patricia Hill Collins (2016), junto com Bell Hooks e Chandra Mohanty, contribuíram significativamente para a construção de uma abordagem feminista pós-colonial com foco em um sistema interseccional de opressões, dentro do qual há interseções entre relações de poder a partir de cruzamentos entre identidades e posições sociais.

2. Dimensões inovadoras e inusitadas na proposta da “Ciranda das Crianças”

O primeiro ponto que merece destaque na análise desta estratégia é sua capilaridade: consegue alcançar múltiplos objetivos em diferentes planos. Raramente se vê estratégias tão robustas como esta, que envolvem, de forma tão acentuada, públicos de diferentes gerações (mulheres e homens adultos, jovens e crianças). O primeiro objetivo da ação da “Ciranda das Crianças” é possibilitar a maior participação das mulheres nas atividades promovidas pelo projeto, uma vez que um dos fatores que dificulta seu engajamento nos processos de organização social é sua responsabilização pelos cuidados com as crianças e idosos/as no âmbito familiar.

Deste modo, esta estratégia busca formas de aliviar a sobrecarga de trabalho das mulheres que diariamente tentam fazer conciliações entre o trabalho de reprodução social - no âmbito doméstico -, e as atividades que desenvolvem no campo produtivo, por meio da socialização deste trabalho invisível dos “cuidados.” É sabido que, embora transitem por diversos espaços dentro da propriedade e fora dela (casa, quintal, lavoura, sede da associação comunitária), e se engajem em um amplo leque de atividades produtivas (avicultura, ovinocultura, apicultura, produção agrícola), muitas vezes estes trabalhos são rotulados apenas como formas de “ajuda” e não são devidamente reconhecidos enquanto “trabalho.” Além disso, o “trabalho dos cuidados” abarca as atividades que as mulheres desenvolvem com os afetos, a dedicação e o amor, a partir de suas relações familiares e extra-familiares, na maior parte das vezes ligadas diretamente ao espaço doméstico, e tendem a ser naturalizadas como se fossem componentes inerentes à condição feminina. A partir da ótica da Economia Feminista, partimos do pressuposto de que o “trabalho de cuidados” reside no centro da “sustentabilidade” da vida humana, embora trabalhos voltados para a “produção do viver” não sejam valorizados dentro da lógica calculista e mercantil da economia neoclássica. Dentro desta perspectiva, a ação da “Ciranda das Crianças” demonstra que cuidar das futuras gerações é algo a ser dividido entre todos/as, de modo que deixa de ser uma responsabilidade particular e pessoal das “famílias” e passa a ser uma atividade “coletiva”, a ser partilhada na esfera comunitária.

O segundo ponto que deve ser ressaltado é a dimensão pedagógica do trabalho realizado com as crianças a partir de um currículo multidisciplinar, que tem como eixo central a convivência com o Semiárido e suas interfaces temáticas: segurança alimentar e nutricional, agroecologia e gênero, raça e etnia. Por meio de metodologias participativas, que fazem pleno uso de recursos lúdicos para estimular o processo de aprendizagem de forma coletiva, as crianças são sensibilizadas sobre temas caros para seu desenvolvimento enquanto seres humanos. Assim, com o uso de brincadeiras, jogos e vivências, novos saberes são adquiridos e novas formas de construir relações são experimentadas.



Formação do IRPAA no município de Uauá - BA

As crianças vão descobrindo formas inusitadas de criar relações sociais igualitárias e de interagir com a natureza de modo sustentável - aprendizados que são alinhados com os conteúdos e abordagens dos processos de formação que vêm sendo realizados com jovens e adultos - mulheres e homens, de forma separada e coletiva, desde 2017. Este processo de formação voltado para o universo das crianças vem sendo construído na perspectiva de formar futuros/as cidadãos e cidadãs que têm condições de contribuir para os processos organizativos de suas comunidades do Semiárido brasileiro, a partir de uma nova consciência.

Deste modo, almejamos que a tendência do esvaziamento do campo seja contida e novas possibilidades de trabalho surjam durante o curso de suas vidas nestas localidades, a partir de iniciativas coletivas. Aqui testemunhamos claramente de que maneira o processo de socialização não apenas se restringe ao ambiente familiar, mas se estende para outros espaços de convivência social e de aprendizagem, nos quais outros padrões de comportamento possam servir como esquemas referenciais.

A terceira dimensão desta ação é a oportunidade que ela representa para a juventude dos territórios do PSA, para se tornarem cirandeiros/as que se destacam no cenário local enquanto referências para os processos pedagógicos. Para muitos dos 598 cirandeiros/as selecionados/as, esta experiência representou o primeiro passo dentro de um processo mais longo de engajamento em iniciativas no âmbito comunitário. Ao atuarem como cirandeiros/as, muitos/as descobrem seu potencial para liderar grupos e organizar atividades, despertando para suas habilidades enquanto lideranças comunitárias. Via de regra, o convite para atuar em nível comunitário - seja como cirandeiro/a, seja como Agente Comunitário Rural (ACR) - é uma experiência oportuna para jovens que precisam desenvolver suas capacidades e experimentar novos caminhos. Neste sentido, a primazia atribuída pelo Pró-Semiárido às formações destes agentes - cirandeiros/as ou Agentes Comunitários Rurais - nas quais questões de gênero, raça e etnia são abordadas de modo transversal é a chave explicativa do êxito de sua atuação na escala territorial. Tanto os/as cirandeiros/as quanto os/as ACRs relatam que a formação que receberam foi uma etapa imprescindível para que desenvolvessem suas funções, enquanto agentes de mudança dentro dos territórios rurais.

Neste sentido, é importante fazer uma ressalva sobre a representação de mulheres e homens no grupo selecionado para atuarem como cirandeiros/as. Em 2018, a seleção dos/as cirandeiros/as foi embasada na preocupação de garantir uma participação igualitária de homens e mulheres, o que é uma medida disseminada internamente para todas as estratégias do projeto. Estimular as mulheres a ocupar cargos de liderança no âmbito territorial é muito importante para reforçar seu papel protagônico nos processos vividos, uma vez que, na maior parte dos processos no campo produtivo há um predomínio dos homens agricultores, tanto nas atividades de capacitação quanto nas instâncias de tomada de decisão. No entanto, no caso da ação da “Ciranda das Crianças”, o desafio posto era outro: estimular os jovens diretamente em um trabalho que socialmente sempre foi apreendido como uma atividade intrinsecamente feminina. Dentre um total de 598 cirandeiros/as, 528 são mulheres jovens, enquanto 70 são homens jovens. Romper com a pressuposição de que homens não tenham a disposição natural de serem cuidadores/as foi um desafio inerente ao trabalho realizado.



⁴Junção de quatro ou mais comunidades que tenham proximidade geográfica, a abscymesa base produtiva, semelhanças culturais ou sejam consideradas tradicionais.

Este dado difere muito da proporção de homens e mulheres no número de ACRs. De um total de 99 ACRs, 45 são mulheres enquanto 54 são homens. Neste caso, estamos diante de um desafio inverso: o exercício desta função, que exige um trabalho de mobilização social junto às instâncias - Comissões de Licitação e Controle Social, Diretorias das Associações Comunitárias - é socialmente designado para os homens, que ganham a permissividade de transitar por espaços dentro e fora das comunidades locais. Ser um ACR envolve a capacidade de se deslocar, justamente para estimular o bom desempenho dos planos de desenvolvimento e investimento e para articular atividades no plano territorial. No processo de sensibilização para este cargo, romper com este tabu de que mulheres não são indicadas para ir além do âmbito doméstico, se envolvendo com processos de articulação entre instâncias, instituições e processos, foi extremamente desafiador. O fato de alcançar quase uma participação igualitária entre homens e mulheres no exercício desta função foi fruto de um trabalho árduo de sensibilização dos atores envolvidos, para que as mulheres jovens pudessem ser estimuladas a liderar os processos organizativos.

Da mesma forma que o trabalho dos “cuidados” é visto como naturalmente feminino, o trabalho de articulação política e mobilização social parece ser uma função designada aos homens, como se apenas eles tivessem aptidão para aquilo. Por fim, a problematização dos papéis e funções que são designados a cada um dos sexos implica um questionamento profundo das visões estereotipadas de mulheres e homens para buscar a plena expressão de cada ser, na descoberta de suas potencialidades inatas. Por este motivo, o foco destes dois ofícios - tanto cirandeiros/as quanto ACRs - não é apenas no bom desempenho de suas funções, como “peças-chaves” de um projeto de intervenção no campo social, mas na formação de lideranças que possam intervir na realidade social e contribuir para a transformação das relações, por meio de processos pedagógicos e organizativos. Portanto, “os/as cirandeiros/as”, ao exercitarem um papel primordial na educação das crianças das comunidades locais, estão iniciando novos percursos pelos caminhos tortuosos da organização sociopolítica. Se tomarem lideranças significa se tornarem pessoas mais humanas, com uma visão mais integrada das questões que atravessam os contextos vividos - e é este tipo de liderança que pode incidir significativamente nas diversas dimensões dos tecidos sociais dos territórios rurais.

Conclusões

A ação de “Cirandas das Crianças” precisa ser contextualizada dentro de um plano estratégico de gênero que ocupa um lugar de centralidade no Projeto Pró-Semiárido. Frequentemente, gênero é compreendido como uma questão periférica que atravessa o campo de intervenção, mas não como um condicionante para a eficácia das estratégias traçadas. No caso do Projeto Pró-Semiárido, as experiências vividas comprovam uma outra visão: a transformação das relações assimétricas de poder, que estão enraizadas na base das estruturas sociais, é fundamental para alcançar os objetivos e as metas que norteiam os dois alicerces do projeto, o Componente Humano e Social e o Componente Produtivo.

Logo, a formação das/os cirandeiros/os e a construção das cirandas de crianças são ações que se inserem dentro de uma estratégia mais abrangente, visando o empoderamento das mulheres enquanto sujeitos políticos e a transformação das relações sociais de gênero. Não há como tratar esta ação como algo separado do resto, pois todas as ações que compõem a estratégia de gênero, raça e etnia são interligadas. O Projeto Pró-Semiárido desenhou uma estratégia gradativa, que passa por etapas, com diferentes públicos em momentos distintos – mulheres e homens – tendo como principal objetivo a construção de novos padrões para as relações sociais. A partir de 2017, em uma primeira fase, foram iniciadas as atividades educativas com as mulheres, para ir construindo um espaço de confiança mútua e de auto-organização. Tais atividades se embasavam no entendimento de que o fortalecimento das mulheres, de forma coletiva, por meio de processos de formação em diversas temáticas que atravessam seu cotidiano, era um passo essencial para aumentar seu grau de autonomia e possibilitar que elas se inserissem, de forma incisiva, em outros espaços – seja no campo dos planos de investimento, seja nas Associações Comunitárias ou em outras organizações de base comunitária.

No final de 2018, foram iniciados os encontros com os homens - uma ação inovadora que tinha como objetivos refletir criticamente sobre a construção das masculinidades e contribuir para a desconstrução da cultura patriarcal. Em seguida, nos territórios rurais onde já tinham sido realizados os encontros de mulheres e de homens foram realizados os encontros mistos, com a perspectiva de sensibilizar os homens e as mulheres sobre as expressões das desigualdades de gênero na sua vida cotidiana e incitar uma reflexão sobre a corresponsabilidade dos homens nas tarefas domésticas. Esta série de atividades, realizadas com mulheres, homens e grupos mistos de forma sequencial, estão voltadas para o mesmo objetivo: a reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e a transformação das relações de gênero nos diversos âmbitos da vida social.

Da mesma forma, esta ação estratégica da “Ciranda das Crianças” busca provocar uma problematização sobre a divisão sexual de trabalho que envolve todos/as - homens, mulheres, jovens, crianças - fazendo com que o trabalho de “cuidados” esteja situado no cerne de nossas preocupações, enquanto coletivos. Isto é, “cuidar das crianças” não é mais uma questão que se localiza na margem dos processos vividos - se torna uma condição para que o restante das atividades seja cumprido da forma devida. Para que as mulheres possam ter uma atuação efetiva no campo produtivo, sem se dividirem entre múltiplas tarefas, e para que os homens se responsabilizem pelos trabalhos no campo da reprodução social, o trabalho de “cuidados” dos seres mais vulneráveis - sejam crianças, sejam idosos - precisa se tornar uma atividade coletiva, assumida por todos/as. E é isso que esta ação pioneira busca fazer: provocar a sensação de corresponsabilização por parte daqueles que coparticipam da vida comunitária.

Para finalizar, é importante sinalizar que esta ação constitui uma referência para outros programas sociais e políticas públicas. Entendemos que é fundamental que o Estado se encarregue do seu papel enquanto promotor de políticas públicas, que afirmem os múltiplos papéis que as mulheres desempenham, levando em consideração os distintos contextos socioculturais e dinâmicas territoriais. Tais políticas deveriam fomentar as iniciativas protagonizadas pelas mulheres nos seus quintais, nos seus grupos produtivos e nas suas pequenas agroindústrias, ao mesmo tempo em que busquem soluções duradouras que garantem a divisão justa de trabalho doméstico e a socialização dos cuidados. Uma estratégia como esta poderia ser incorporada no desenho das políticas públicas, visando a construção de um novo modelo de relações sociais igualitárias que oriente os processos pedagógicos com as crianças das comunidades rurais. Políticas públicas que garantem a participação plena das mulheres em atividades de capacitação e organização social e que realçam as capacidades daqueles que jamais tiveram a oportunidade de se tomarem referências nas suas comunidades locais, indubitavelmente, representam apostas em uma vida mais justa e igualitária para todos/as.



FORMAÇÃO DE CIRANDEIRAS E CIRANDEIROS:

15

Os primeiros passos para concretizar a Ciranda das Crianças nos territórios rurais

Ângelo Neri⁵ e Ana Elizabeth Siqueira⁶

A Ciranda das Crianças é considerada como um espaço educativo de construção de vivências, de novos valores, de estabelecimento de vínculos com outras crianças e com um novo jeito de viver no mundo. Desta forma, as cirandas têm a intenção de abranger várias dimensões da vida das crianças, desde o brincar até reflexões de situações do cotidiano, de valorização da vivência coletiva, do cuidado com a outra e com a natureza, desenvolver a solidariedade e o respeito às diferenças e a todas as formas de vida. A ciranda é um espaço lúdico e educativo criado para dar a oportunidade às crianças de participarem das ações do Projeto Pró-Semiárido nas comunidades rurais, principalmente nos mesmos momentos das formações de suas mães e pais. Para Birhain.



O nome Ciranda nos lembra criança em ação. E essa ação dá-se na brincadeira, que deve ser uma brincadeira coletiva. Vai além do brincar juntos, pois é um espaço de construção de relações através de interações afetivas, de solidariedade, de sociabilidade, de amizade, de fraternidade, de solidariedade, de linguagem, de conflitos e de aprendizagem [...]. (BIHAIN 2001, p. 30)

Como uma ação de afirmação de gênero e geração, a Ciranda das Crianças foi criada para possibilitar a participação das mulheres e dos homens nas atividades do projeto, mas principalmente das mulheres, pois, geralmente são elas as responsáveis pelo cuidado com as crianças. Para participar das capacitações, as mulheres precisam deixar as crianças com outras pessoas e às vezes não têm esta possibilidade, dificultando a participação delas no processo de formação e na realização de atividades práticas organizadas pelo projeto.

A cada dia é notório o aumento no número de mulheres querendo participar da luta em prol do desenvolvimento das comunidades, de um novo modelo de agricultura e da emancipação feminina, através de ações que fortaleçam o seu papel nas comunidades e nos movimentos sociais. Mas para que estas mulheres exerçam uma nova função na família e na comunidade, ou nos movimentos sociais, se faz necessário um espaço que acolha as suas crianças enquanto elas estão na luta e este espaço é a Ciranda das Crianças, com o acolhimento, as brincadeiras, os jogos, contação de histórias e outras atividades educativas.

⁵Pedagogo, técnico dos componentes produtivo e social do Pró-Semiárido

⁶Assessora de Gênero do Pró-Semiárido

Para que as pessoas que decidiram se tornar cirandeiras/os pudessem realizar a Ciranda das Crianças foram organizados três momentos de sensibilização e formação. As capacitações foram realizadas em Jacobina, Juazeiro e em Senhor do Bonfim, e tiveram como facilitadores a própria equipe do Pró-Semiárido.

O processo de formação das cirandeiras(os) tinha como objetivo sensibilizar as pessoas escolhidas e construir uma identidade individual e coletiva sobre o que era ser cirandeiros e cirandeiras. Para tal, trabalhamos com a metodologia participativa, onde construímos ao longo do processo um percurso de descobertas, resgates, sonhos e trocas de saberes, a partir das práticas culturais, sociais, ambientais e políticas das pessoas participantes da formação.

Os encontros de capacitação de cirandeiras e cirandeiros contaram com uma programação diversificada, com conteúdo partilhado a partir de momentos teóricos e práticos, no intuito de proporcionar um olhar sob cada fase do desenvolvimento infantil, entrelaçando atividades específicas para cada fase de desenvolvimento da criança, discussão sobre a convivência com o Semiárido e das questões de gênero e raça/etnia, procurando desconstruir os preconceitos e discriminação contra as mulheres e assegurar a igualdade de oportunidades para homens e mulheres, construindo equidade de gênero nas comunidades trabalhadas pelo Pró-Semiárido.



Sensibilização das cirandeiras e cirandeiros na formação em Juazeiro - BA



Sensibilização das cirandeiras e cirandeiros na formação em Senhor do Bonfim - BA

Para a construção do papel da cirandeira e cirandeiro, bem como para o melhor entendimento sobre a proposta da Ciranda das Crianças, utilizamos uma técnica em tecido, inspirada nos panôs africanos, que são tecidos que resgatam a arte de contar histórias através de imagens. Em grupo, refletiram sobre o que cada um/a entendia o que é ser cirandeira e cirandeiro e como realizariam a ciranda das crianças em suas comunidades. Disponibilizamos diversos materiais para que elaborassem e confeccionassem os panôs, como resultado do entendimento coletivo do que seria a identidade das cirandeiras (os) na realização das cirandas. Após as apresentações de cada grupo, os panôs foram utilizados para decorar a sala.



Panô produzido por cirandeiras e usado na decoração da sala durante a formação

Um elemento importante na realização dos encontros foi a ornamentação da sala, através de elementos coloridos que lembravam a infância, e ao mesmo tempo, a vida rural. As salas foram ornamentadas com brinquedos, jogos, baú de livros infantis, panôs confeccionados pelas próprias cirandeiras e outros sobre a convivência com o Semiárido e relações de gêneros, para criar um ambiente agradável de sensibilização e aprendizagem.

Depois da apresentação das participantes, de forma dinâmica e divertida, foi destacada a importância dos encontros para sensibilizar as cirandeiras sobre os trabalhos que estas iriam realizar nas comunidades. Em seguida, foram realizados trabalhos em grupo, divididos por território rural, para construção de um “panô” retratando o cotidiano /ou as manifestações culturais de cada território rural participante do encontro. O “panô” é uma espécie de painel decorativo feito de tecido liso, ornamentado com pinturas e aplicações diversas. Estes painéis decorativos serão usados por cirandeiras e cirandeiros durante a realização da Ciranda das Crianças nas comunidades.



Cirandeiras confeccionando panô durante a sensibilização das cirandeiras em Senhor do Bonfim - BA

O tema sobre as fases do desenvolvimento infantil foi proposto com o intuito de refletir com as/os cirandeiras/os sobre como estas fases se manifestam nas crianças e o que é possível fazer para estimular o desenvolvimento físico, as habilidades motoras e intelectuais. Geralmente, participam das cirandas crianças de colo, que ainda não andam sozinhas, até crianças de 12 anos, ou mesmo adolescentes. Desta forma, conhecer estas fases facilitam a preparação de atividades que estimulam os sentidos, a criatividade e a imaginação. Estas atividades podem ser uma brincadeira, uma música, um jogo pedagógico, um desenho de montar, uma brincadeira de roda, uma história animada. Tudo isto ajuda a melhorar as múltiplas habilidades das crianças, controla as emoções, estimula a curiosidade e o convívio social.

Assim, durante as Ciranda das Crianças as brincadeiras, cantigas de roda e os jogos infantis devem ser estimulados para propiciar o aprendizado e o desenvolvimento, sendo necessário criar espaços e momentos com atividades que levem as crianças a pensar, refletir, agir, questionar, criar, imaginar, relacionar, dividir e assim criar novos hábitos, novos comportamentos e atitudes.

As brincadeiras dão oportunidade para as crianças experimentarem diferentes vivências de faz-de-conta, como por exemplo, assumir papéis de pais, mães, bombeiros/as, padres/freiras, professor/as, médicos/as, agricultor/as, permitindo compreender o papel dos adultos, constituindo-se como uma preparação para a entrada no mundo dos adultos. Contudo precisa-se ter cuidado para não reproduzir brincadeiras, histórias e jogos infantis que reforcem a opressão, o preconceito, a discriminação e a intolerância, principalmente no que se refere às relações de gênero e às questões étnico-raciais.

A temática Desigualdades Sociais, Raciais e de Gênero foi trabalhada, primeiro em grupos, onde cada um pode refletir esta realidade nos territórios rurais, colocando as principais dificuldades encontradas para conquistar a igualdade nas relações entre homens e mulheres. Nesse momento, foi muito forte o problema da desigualdade racial e as diversas formas de discriminação sofridas, principalmente pelas crianças negras nas escolas.

As desigualdades de gênero têm sido um obstáculo para as mulheres conquistarem a tão sonhada autonomia e a garantia dos seus direitos. A igualdade entre homens e mulheres se constitui em uma questão de direitos humanos e também de justiça social, pois é através da igualdade de gênero que mulheres e homens terão as mesmas oportunidades, direitos e obrigações em todas as áreas.

Ainda relacionado à temática desigualdade de gênero, foi apresentado e depois discutido os filmes “A Vida de Margarida” e “Zefinha quer casar”. Os vídeos foram produzidos pela AS-PTA (Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa) e pelo Polo da Borborema, no formato de novela. O primeiro retrata de forma simples e clara a rotina de uma família agricultora, desde o amanhecer até o anoitecer, mostrando como são desempenhados os papéis de homens e mulheres no ambiente familiar nordestino. Fica muito claro como os papéis do homem e da mulher foram socialmente construídos de forma desigual e injusta, onde se percebe a supremacia da figura masculina, criando uma relação de opressão com as mulheres. O segundo vídeo mostra a decisão de Zefinha, filha de Margarida e Biu, em casar para conseguir sua sonhada liberdade. Entretanto, o seu namorado carrega a cultura machista e se acha proprietário de Zefinha, não aceitando que ela tome suas próprias decisões. Os dois vídeos-novela mostram a estrutura patriarcal na família, como o machismo é forte na nossa cultura, coloca em evidência a divisão sexual do trabalho e como o homem representa a figura de poder na família.





Foto: Ivânia Freitas



Foto: Ivânia Freitas

Os vídeos foram importantes instrumentos pedagógicos para sensibilizar as cirandeiras, aguçar o debate e o aprofundamento sobre as questões da invisibilidade do trabalho da mulher e o poder de decisão sobre o uso do dinheiro, as diferentes formas de discriminação e de violências: moral, psicológica, patrimonial, sexual e física. O tema Convivência com o Semiárido foi abordado usando uma linguagem bastante simples, direta e com apresentação de imagens representativas do ambiente da região e práticas sociais de convivência com o clima onde as/os cirandeiras/os vivem. Inicialmente, foi apresentado o Semiárido Brasileiro para que todas e todos percebessem que é justamente a região em que vivem. A região é apresentada, na maioria dos discursos, nos meios de comunicação e nos documentos oficiais como lugar de seca, pobreza, flagelo e miséria como se fosse somente isto. Farias (2009) ressalta que a seca é apontada como grande responsável pela miséria que atinge a região.

A tragédia iminente às secas é pintada em cores fortes, explorando ao extremo seu cenário e conteúdo trágico. Os discursos e as imagens – construtores do regionalismo – que falam e mostram o Nordeste estão repletos de subjetividades que depreciam/estereotipam a região e seus habitantes. Um imaginário social composto por “flagelados”, “retrairantes”, “mortos de fome”, “figuras esqueléticas”, habitantes de uma região inócua de vegetação cinza e solo pedregoso [...] (FARIAS, 2009, p. 1)

Mas apesar de todos os preconceitos e estereótipos que até o presente momento povoam o imaginário nacional, é possível dizer que o Semiárido não é somente seca, pobreza, flagelo. Sabe-se que a pobreza da região não tem uma relação direta com a seca, ela é fruto das injustiças e contradições que têm punido os trabalhadores e trabalhadoras e beneficiado as elites políticas do país. A região possui água, mas ela é negada aos trabalhadores e trabalhadoras, assim como é negado o direito à terra, produção, informação e acesso à educação.

No meio de tudo isso, surge a construção de novas perspectivas neste ambiente, ou seja, ações que permitem conviver com o ecossistema do Semiárido, através de iniciativas que respeitem os saberes e a cultura local e, ao mesmo tempo, implementem ações que garantam o direito universal da água a toda população, o direito à terra, à produção agropecuária, às tecnologias sociais de convivência com o Semiárido e à capacidade de articulação das iniciativas de gestão ambiental com as iniciativas sociais que podem resultar em melhoria das condições de vida da população.

Entre as principais estratégias da convivência, pode-se destacar a produção de alimento pelas famílias para o próprio consumo, mas também para gerar renda, assim como a estocagem de bens em períodos chuvosos, para utilizá-los em tempos de escassez de chuvas. O armazenamento, os cuidados com as fontes de água e uso racional também são ações de fundamental importância para o desenvolvimento da vida no Semiárido Brasileiro.

A convivência com o Semiárido não pode ser uma ação isolada dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, ela precisa de políticas públicas que viabilizem ações de acesso à água, terra e regularização agrária, assistência técnica continuada, acesso à educação de qualidade, soberania e segurança alimentar e nutricional, valorização dos povos do campo e da sua cultura.

A formação de cirandeiras e cirandeiros contou com uma programação diversificada de temas e práticas que procuraram envolver as/os participantes e orientá-las/los sobre os trabalhos que iriam assumir nas comunidades com as crianças. A metodologia participativa proporcionou descobertas, sonhos, troca de saberes, construção coletiva, solidariedade e reflexão sobre a vida, sobre as relações do convívio familiar e social. Portanto, pode-se dizer que os encontros foram importantes espaços de aprendizagem, de reflexão e de convívio entre cirandeiras e cirandeiros de diferentes comunidades e de municípios, resultando em aprendizagens significativas para a vida de todas e todos.

A ciranda é um espaço para criar novos hábitos, novos comportamentos e atitudes. Não há brinquedos com gênero, meninas brincam de bola e os meninos brincam com bambolê e boneca.



Foto: Ivânia Freitas



Foto: Ivânia Freitas



Foto: Giçara Cadidê

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIAS, Ana Elizabete Moreira de. *Educação contextualizada e convivência com o semiárido no assentamento Acauã – PB, João Pessoa, 2009. (dissertação de mestrado)*
- BI-HAIN, N. M. *A trajetória da educação infantil no MST: de ciranda em ciranda aprendendo a cirandar. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.*

CADERNO ORIENTADOR:

Lorena Vieira⁷

21

Ciranda das Crianças do Pró-Semiárido

Ferramenta metodológica de apoio a formação de cirandeiras e cirandeiros



Foto: Acervo Aresol

O caderno orientador é a ferramenta de apoio para as formações ofertadas às cirandeiras e os cirandeiros do Pró-Semiárido, ele apresenta a essas voluntárias/os a proposta da Ciranda das Crianças, os três eixos centrais, junto a um universo lúdico que representa o mundo que envolve as crianças, as brincadeiras, cantigas, livros, a contação de histórias. Não sendo um material engessado, ele permite junto às formações, que cada pessoa floresça e elabore um espaço acolhedor, didático e seguro para as crianças e mães participantes do projeto.

Foram trabalhados três eixos norteadores na Ciranda das Crianças, eles relacionam e se fortalecem entre si e visam à permanência dessa criança no seu local de origem, garantindo a sucessão rural e discutindo temáticas que garantem uma qualidade no bem viver em sociedade, não só na infância, mas de toda a vida e são eles: a infância, convivência com o semiárido e gênero, falaremos um pouco sobre cada eixo e o que ele impacta na vida da criança rural.

É na infância que todas as nossas bases são formadas, os exemplos ao nosso redor ajudam a formar o nosso caráter e qual caminho podemos seguir. Toda criança tem o direito a brincar, a educação, a alimentação e crescer em segurança, garantir esses cuidados básicos a elas é dever de toda comunidade. O eixo Infância nos mostra como uma comunidade alinhada também às necessidades das crianças cuida do futuro e assegura a sucessão rural com oportunidade, direitos para todas e todos. Trabalhando esse Eixo, o caderno nos traz exemplos de brincadeiras, que além de divertir, desenvolvem capacidades cognitivas e sociais, separadas por faixa etária. São brincadeiras resgatadas da infância de pessoas mais velhas, como Bode Voa? E os jogos das argolas e Cabra Cega.

E enquanto as crianças se fortalecem brincando na Ciranda das Crianças, o eixo Gênero garante a elas um espaço onde a temática começa a ser trabalhada de forma sustentável, normalizando atitudes e espaços colaborativos entre meninas e meninos. Uma localidade onde todo têm os mesmos direitos e deveres. O caderno orientador traz pequenas orientações no qual estimula as crianças e os adultos em formação adquirirem autonomia com seus corpos, o respeito com o corpo do próximo, enquanto aprendem nesse processo educativo uma consciência mais ampla sobre gênero não só na hora de brincar, mas também na escola e na comunidade.

⁷Tecnóloga em Marketing e faz parte da assessoria de comunicação do Pró-Semiárido.

O semiárido baiano é um lugar espetacular, cheio de riquezas e uma cultura única, mas por muito tempo foi visto como um lugar apenas de seca e morte. O Eixo Convivência com o Semiárido vem nos auxiliar nesse processo de mudança dessa visão imposta pela grande mídia por muitos anos e busca o resgate da cultura ancestral, da produção de forma contextualizada e agroecológica, preservando a natureza e valorizando as potências culturais locais, criando desde cedo nas crianças o pertencimento ao seu lugar de nascença. Esse Eixo é trabalhado no caderno orientador de forma simples e objetiva, com sugestões práticas de como preservar o meio ambiente já na infância e com histórias sobre o semiárido.

E falando em história, o que uma boa ciranda das crianças tem? Brincadeira, música e tem contação de história também. No espaço “Conta de lá, que eu conto de cá”, os voluntários podem achar dicas de como fazer esse momento especial e para que eles mesmos possam se inserir na história e oferecer uma experiência completa e interativa com as crianças, e novamente o resgate de conhecimentos ancestrais se faz presente e essencial, transmitir as novas gerações da comunidade as histórias locais permitem que esses conhecimentos não se percam por não serem reproduzidas, enquanto fortalece o laço das crianças com o seu local.

A história inédita de Socorro de Freitas, O menino que perdeu a cor, é um exemplo de que a Ciranda é um espaço de oportunidades e que esses momentos são também de aprendizado. Não é apenas sobre contar histórias, é mostrar as riquezas do semiárido de forma única a essas crianças, evitando o êxodo desde a infância. As indicações de leitura oferecem opções que trazem representatividade, permitindo que elas se sintam protagonistas das suas próprias jornadas.

Elaborar um material com essa base metodológica traz muito autoconhecimento também a quem está envolvido no processo e nos presenteia com a reflexão de quem nós somos e das tantas oportunidades que nos são dadas a cada dia. E como nos diz a história de Socorro de Freitas, aprendemos que a vida na roça pode tornar-se melhor, basta que se aprenda a lidar com tudo que se tem e com tudo aquilo que não se tem.

O caderno orientador é apenas uma parte de uma iniciativa inovadora que é a Ciranda das Crianças, é nas formações, nos encontros, nos momentos de partilha e cuidado coletivo que a mágica acontece. As crianças são uma responsabilidade de todos nós e permitindo um espaço como esse, temos uma oportunidade de construir uma sociedade mais justa e igualitária por que agora nós temos uma ciranda, que não é só minha ou só sua ou do Pró-Semiárido, ela é de todos nós e merece ser compartilhada e replicada em todos os espaços de formação.



Ciranda na Praça no Instituto RUMOS

FORMAÇÃO DE CIRANDEIRAS E CIRANDEIROS:

Semeando esperanças nos Territórios do Piemonte Norte do Itapicuru e Sisal



Ivânia Paula Freitas de Souza Sená,⁸ Tiala Albuquerque,⁹ Socorro Freitas¹⁰

O Projeto de Formação de Cirandeiras no Território do Piemonte Norte do Itapicuru e Sisal foi o passo inicial para tornar concreta a proposta da Ciranda das Crianças. No espaço das cirandas há uma atmosfera de envolvimento, confiança e alegria que vai se fortalecendo na interação entre as crianças e os adultos, que passam a aprender juntos novas formas de relacionamento e convivência. Nesse ambiente dinâmico, o foco é a fantasia, a poesia, as histórias e o riso da criançada, que, através das cantigas de rodas, dos jogos e da contação de histórias, vai sendo estimulada a ter uma nova relação com o mundo, afirmando valores como o cuidado consigo, com os outros e com o ambiente que a rodeia.

As vivências propostas nas cirandas cultivam valores sociais como igualdade, respeito, fraternidade, além de estimular a valorização dos aspectos culturais, ambientais e estéticos das comunidades camponesas, com forte ênfase na igualdade de gênero e no respeito à diversidade. Na condução atuam mulheres e homens dos territórios rurais nos quais as atividades do Pró-Semiárido ocorrem. São as cirandeiras e cirandeiros, pessoas comuns no meio comunitário, que participaram de 40 horas de atividades formativas visando garantir as condições básicas necessárias para efetuar a tarefa educativa junto às crianças.

Nos Territórios do Piemonte Norte do Itapicuru e Sisal a responsabilidade por conduzir esse processo formativo foi do Instituto Rumos da Educação, entidade não governamental com experiência na formação de professores, educadores populares, jovens e mulheres, com foco, sobretudo, na Educação do Campo contextualizada no Semiárido.

Pioneiro na ação de Formação de cirandeiras e cirandeiros do Pró-Semiárido, o Instituto Rumos construiu um processo metodológico formativo, tendo como base a ludicidade. Dessa forma, a compreensão teórica dos temas foi trabalhada a partir de dinâmicas, brincadeiras, desenhos, atividades em grupo e rodas de conversa, de modo que fossem proporcionadas vivências dos momentos a serem desenvolvidos nas cirandas, junto às crianças. Para as mulheres e homens que participaram do Projeto de Formação a oportunidade de ser cirandeira e cirandeiro era como receber um título que lhes tornariam importantes na comunidade. Era, portanto, uma tarefa valorosa!

⁸Doutora em Comunicação

⁹Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, pedagoga e terapeuta holística

¹⁰Pedagoga e terapeuta quântica

Todo o processo formativo pautou-se no desenvolvimento dos temas de gênero, infância e convivência com o Semiárido. Três eixos foram tratados de forma integrada pela equipe, que, mesmo tendo um formador ou formadora, com foco na especificidade de cada eixo, buscou garantir um formato metodológico no qual os temas se articulassem e se complementassem. Essa sintonia entre a equipe formadora deu a solidez necessária ao processo que se desafiava alcançar objetivos amplos, para um percurso de apenas 40 horas.

Desde a concepção e estruturação teórico-metodológica, a equipe do Rumos dedicou-se a pensar um conjunto de estratégias didáticas que favorecessem a apreensão mais profunda possível dos conhecimentos a serem garantidos para tornar as Cirandas das Crianças espaços socioeducativos. Esse foi o objetivo focado nas primeiras 20 horas da formação: compreender as cirandas como espaços onde o cuidar e o brincar fossem vistos como parte de um itinerário lógico e intencionalmente planejado, com foco na ampliação do universo cultural das crianças. Estando clara tal compreensão, as cirandeiras e cirandeiros, seriam agentes educativos na condução desse processo, superando a ideia de cuidadores das crianças, que traziam de suas comunidades.

Para isso, a primeira ação formativa foi constituir um perfil dos grupos para conhecer as características ambientais, culturais e econômicas de suas comunidades e os traços de suas identidades pessoais, com foco nas memórias e experiências da infância. Essa atividade formativa inicial foi o lastro para ajustar o percurso metodológico e as estratégias de abordagem dos eixos com os grupos, bem como para que as pessoas participantes da formação pudessem identificar, por si mesmas, se possuíam ou desejavam adquirir o perfil para serem cirandeiras e cirandeiros em suas comunidades. Essa autoidentificação dos participantes foi essencial para garantir maior envolvimento e responsabilidade na condução dos trabalhos daquele ponto em diante.

A equipe atuou em parceria nas diversificadas estratégias metodológicas para abordagem dos temas centrais: infância, identidade, relações de gênero, raça/etnia, segurança alimentar, agroecologia, considerando, ainda, as especificidades de cada tema (violência, divisão sexual do trabalho, direitos e necessidades das crianças, racismo/preconceito).

As intervenções didáticas propiciaram situações práticas a serem desenvolvidas, de modo que exercitassem formas de trabalhar os temas com as crianças e pudessem se desprender da timidez, do medo e da insegurança, já que a maioria dos e das participantes, nunca havia vivenciado situações dessa natureza educativa, como contar histórias, dançar utilizando gestos, cantar e dançar em público, desenhar, construir jogos com foco educativo. Essa dinâmica interativa foi a forma encontrada para que eles e elas experimentassem e vivenciassem situações reais que lhes seriam requeridas nas cirandas em suas comunidades, podendo trocar ideias, tirar dúvidas e adquirir maior segurança na condução das suas ações.

As estratégias didáticas utilizadas pela equipe formadora tiveram como princípios básicos o acolhimento, a escuta, o respeito às experiências e diferenças, a ludicidade e o experimentar, tornando o ambiente formativo seguro e confortável para a concretização das aprendizagens de forma agradável e suave para todos os participantes. Esse ambiente, acolhedor desde sua estética, tomou o processo leve e prazeroso, propiciando que o grupo estabelecesse uma relação crescente de confiança e empatia. Esse clima de fraternidade, respeito e engajamento coletivo fez do processo formativo, espaço de importantes depoimentos espontâneos, que enriqueceram o projeto.

As histórias de vida trazidas reforçavam o quanto era difícil para as mulheres participantes se integrarem e permanecerem em ações como aquelas. Suas histórias, dilemas e conflitos revelavam o quanto a estratégia das Cirandas das Crianças era assertiva na ampliação das possibilidades de as mulheres camponesas adentrarem, com mais condições de participação, o universo sociopolítico em suas comunidades.

Atento a estas características culturais, o Instituto Rumos, já na concepção do Projeto, garantiu que, durante as formações, as mulheres pudessem levar seus filhos pequenos consigo para a Ciranda das Crianças que, também naquele momento, cumpririam o papel de lhes assegurar participarem integralmente das ações. As cirandas ocorreram nos próprios espaços onde as formações aconteceram e foram conduzidas por estudantes de Pedagogia, previamente selecionadas e que passaram por 16 horas de formação com o Instituto Rumos para atuarem como cirandeiras voluntárias no projeto.

A presença de estudantes de Pedagogia teve como intuito inseri-las em novos contextos de aprendizagem, ultrapassando o universo escolar, para que desenvolvessem percepções positivas sobre o campo, os camponeses e suas lutas, levando esse conhecimento para sua prática futura na docência. A presença no espaço de formação, deu segurança às mães e serviu como estímulo e observação, para que pudessem compreender melhor, as características da tarefa que lhes caberia na Ciranda e a responsabilidade do que teriam que desenvolver em suas comunidades como cirandeiras e cirandeiros.

“Nossa responsabilidade era ficar com as crianças, desenvolvendo as questões que envolviam o projeto. Achei esse projeto muito relevante para todos os participantes, para mim por que agregou muitos conhecimentos e reconhecimento da minha trajetória enquanto nordestina, mulher e futura professora.”
(Josilma da Silva, cirandeira voluntária)

Durante as formações observou-se a satisfação das crianças que interagiam ativamente nas atividades musicais, na contação de histórias e na realização das brincadeiras, especialmente, pelo fato que elas permaneciam na Ciranda, sem buscarem suas mães, as quais estavam passando pelo processo formativo. Para nós, esse foi um indicador de que a metodologia utilizada cumpria o seu papel de envolver as crianças nas aprendizagens, o que nos permitiu seguir criando outras estratégias. Outro indicador importante sobre os efeitos da Ciranda nas crianças é o relato de suas mães, revelando que seus filhos perguntavam quando aconteceria novamente, mostrando-se ansiosos em participar das próximas atividades.

“Elas ficavam ali conosco se divertindo e aprendendo também, de forma lúdica e a partir desse momento de interação nós podemos trabalhar com elas algumas questões como gênero, questões raciais, a partir das brincadeiras, das contações de histórias, das cirandas e das relações também que nós fazemos com os temas.”
(Bruna Timoteo, cirandeira voluntária)

Na segunda e última etapa formativa foram vários relatos de cirandeiras e cirandeiros, já em atuação nas comunidades, que revelavam a satisfação das crianças com a metodologia das cirandas. “Cartinhas” com palavras de afeto e desenhos carinhosos, abraços com lágrimas, perguntas ansiosas sobre “que dia vai ter de novo”, mostravam o quanto as cirandeiras e cirandeiros vinham cumprindo com afinco a importante e desafiante tarefa que lhes foi dada, ainda que apontassem os desafios que passavam pelos limites dos espaços físicos nas comunidades, materiais educativos insuficientes para o trabalho com a diversidade etária e ainda, o quantitativo de bebês, que demandam outros cuidados e tomam mais complexo o atendimento das outras crianças.

A última etapa formativa nos mostrou um importante amadurecimento das mulheres e homens, sentiam os efeitos de seus conhecimentos em ação, mostrando mais segurança, confiança e determinação, sobretudo, por estarem ouvindo elogios nas suas comunidades, o que para elas, era o reconhecimento de que o que faziam, era de fato, importante. Um dos pais assim expressou o sentido do que viu nas Cirandas em sua comunidade.

O Projeto findou suas atividades formativas no primeiro semestre de 2020. Os resultados produzidos têm aparecido em inúmeros depoimentos de pais, mães, cirandeiras, crianças e através dos técnicos do Pró-Semiárido, que fazem o acompanhamento das cirandas nas atividades que realizam e que nos trazem a certeza de que de fato, a formação, mais do que um processo de ensinar a fazer, é educativo, politizador e transformador. Os homens e mulheres que hoje falam com orgulho que são cirandeiras e cirandeiros, certamente não são mais as mesmas pessoas que iniciaram a formação e este é, sem dúvida, o grande legado deixado pelo projeto que assumimos.

“Melhorou muito, a autoestima das cirandeiras porque a gente não via isso aqui, aí hoje, nessa comunidade, nós temos duas cirandeiras e elas já prestaram serviços por várias vezes e isso é um legado que o projeto está deixando, elas tiveram curso de capacitação para lidar com as crianças, então de qualquer forma é um legado para a comunidade também. Elas são muito importantes e a comunidade tem melhorado sim, porque antes, os pais e as mães diziam: ah! eu não vou para tal reunião porque eu não tenho com quem deixar meu filho, minha filha, e agora com as cirandeiras elas estão participando, então é uma melhoria para a comunidade sim, o trabalho delas.”

*(Laércio Máximo da Silva – Pai,
Território Rural Cazumba I)*



RELATO SOBRE A FORMAÇÃO DE CIRANDEIRAS E CIRANDEIROS REALIZADA PELO INSTITUTO RUMOS

Giçara Cadidé¹¹

*“Umbuzeiro pequenino,
Carregado de fulôôô...
Eu também sou pequenino, umbuzeiro...
Carregado de amor!”*

1. Introdução

Cantiga popular

A canção Umbuzeiro Pequenino, muito cantada na formação, traduz o encanto trazido pela equipe do Instituto Rumos, que transformou de forma mágica seus participantes em cirandeiras e cirandeiros. A metáfora do umbuzeiro pequenino, árvore símbolo da resiliência do Semiárido, traduz a ciranda e envolve crianças, cirandeiras e cirandeiros com o encanto da infância e a compreensão sobre a força do lugar onde vivem.

Os encontros se constituíram em ricos momentos de identidade e troca de aprendizado, revelando importantes talentos. Esses talentos fazem a “Ciranda das Crianças” nas comunidades. A ciranda trouxe para o trabalho desenvolvido através do projeto uma contribuição muito rica no contexto das ações afirmativas de gênero que ocorrem transversalmente em todas as atividades, na medida em que possibilita a participação mais efetiva das mulheres nas atividades formativas do projeto. Além de uma ação afirmativa de gênero, essa proposta se constitui, também, em uma ação geracional, incluindo as crianças, através de um trabalho educativo nos cenários onde o projeto atua e, principalmente, na vida das comunidades.

A equipe do Instituto Rumos mergulhou na proposta da Ciranda das Crianças. Trouxe, de forma lúdica e poética, ferramentas pedagógicas muito ricas para contribuir no processo de trabalho. Cirandeiras e cirandeiros se reinventaram durante o ciclo de capacitações, envolvidos num exercício educativo multidimensional que proporcionou a eles e elas a oportunidade de se enxergarem enquanto sujeitos sociais importantes dentro de suas comunidades.

¹¹Engenheira Agrônoma, Especialista em Gestão Com Ênfase em Administração Rural, assume a função de técnica de desenvolvimento humano e social no Projeto Pro-Semiárido

O PROCESSO DE FORMAÇÃO REALIZADO



*“Minhas amigas eu vou falar,
Preste muito atenção
Vou falar das coisas boas que foi aquela informação
Do curso de ciranda que eu fui aprender então
Nós como cirandeira tem que ter cuidado então
Porque todas as crianças têm que ter boa atenção.”*

*Maria Araújo - cirandeira da comunidade Vila dos Pauzinhos
município de Campo Formoso-BA*

A atividade da Ciranda das Crianças teve seu início juntamente com as ações formativas propostas pelos convênios celebrados entre o Pró-Semiárido e as associações comunitárias, mas podemos considerar que, de fato, esse trabalho, de forma qualitativa, iniciou a partir da realização do ciclo de formação desenvolvida pela equipe do Instituto Rumos. A capacitação foi um marco norteador para cirandeiras e cirandeiros que participaram do evento. Os elementos pedagógicos experimentados proporcionaram profundas reflexões em torno das histórias de cada um, que foram contextualizando os conteúdos temáticos com suas realidades. O aprendizado construído facilitou o entendimento sobre a Ciranda das Crianças e produziu um sentido real para atividade.

A princípio, quando as cirandeiras e cirandeiros foram escolhidos, não se tinha ainda uma compreensão mais depurada sobre as reais funções que seriam desenvolvidas por eles e elas na Ciranda das Crianças. A ciranda é uma proposta inovadora e experimentada pela primeira vez até mesmo pela equipe técnica do projeto. Mesmo assim, muitas pessoas se dispuseram a exercer essa função sem uma ideia mais profunda sobre o que fariam e se tinham aptidão para tanto. Esse foi o primeiro desafio identificado e desenvolvido no processo da formação: fazer o grupo compreender a proposta da Ciranda das Crianças com sua relevância cultural educativa e, dentro desse contexto, refletir sobre o perfil requisitado para os escolhidos.

A metodologia das formações se deu pautada em três eixos que dialogam entre si e fundamentam politicamente a proposta: gênero, infância e convivência com o Semiárido. O eixo gênero proporcionou às cirandeiras e cirandeiros a construção de uma visão crítica a respeito da desigualdade entre homens e mulheres e o que representa a Ciranda das Crianças nesse contexto. Esse eixo ampliou o universo cultural dos envolvidos, aprofundando a reflexão sobre as relações de gênero na comunidade e na família, destacando a consciência em relação à discriminação de gênero desde a infância.

Nesse processo a metodologia trouxe, com muita leveza, apoiado em estratégias lúdicas, elementos reflexivos no sentido de desconstruir conceitos que criaram as diferenças nas relações de gênero, com padrões de comportamentos específicos de menina e de menino, que ao longo do tempo instituíram a subordinação do gênero feminino. O eixo tratou sobre as diferenças de gênero, a importância da mulher na sociedade e a violência contra a mulher, aspectos transversalizados com as discussões sobre divisão sexual do trabalho, equidade de gênero e igualdade racial.

O eixo infância trouxe em cena a criança existente em cada participante do evento. Através do resgate de brincadeiras infantis, como cantigas de roda e contação de histórias, a metodologia tocou profundamente os presentes, conduzindo-os à infância. Nesse processo, o trabalho pedagógico despertou em cirandeiros e cirandeirinhas um olhar mais cuidadoso sobre as crianças, que passam a ser percebidas como sujeitos sociais importantes. Isso fortalece a imagem positiva desses pequeninos diante da comunidade e suas relações afetivas no âmbito familiar e comunitário.

O eixo convivência com o Semiárido aproximou as cirandeirinhas e cirandeiros a temas relacionados às especificidades climático-ambientais, produtivas e culturais do Semiárido. A perspectiva foi estimular uma relação de reconhecimento das potencialidades do lugar em que vivem; desenvolver percepções positivas sobre o campo; fortalecer a identidade camponesa; incentivar a valorização da produção e cultura locais; promover o conhecimento sobre a flora e fauna do Semiárido, agroecologia, etnia, gênero e diversidade no campo.

O processo de formação teve início a partir do encontro para apresentação da proposta da “Ciranda das Crianças”, do qual fizeram parte todos os parceiros envolvidos, equipe técnica do SETAF Senhor do Bonfim, Agentes Comunitárias/os Rurais (ACRs) e entidades executoras de ATC. A seguir aconteceram dois ciclos de oficinas em cada município de atuação do projeto.

Na primeira etapa do ciclo de oficinas os conteúdos se voltaram para os seguintes temas: no eixo infância discutiu-se o significado da ciranda das crianças; o que é ser criança; os tempos da infância; os direitos da criança; criança pensa, criança fala; brincadeira de criança; contação de histórias; ouvir, ver e sentir; abandono da criança; acolhimento e afetividade. Já no eixo gênero, tratou-se sobre o que é ser homem e o que é ser mulher; trabalho de homem e trabalho de mulher; coisa de menino e coisa de menina; violência contra a mulher; mulher, raça e etnia, transversalizados com as discussões sobre divisão sexual do trabalho, equidade de gênero e igualdade racial. No terceiro eixo, convivência com o Semiárido, os temas priorizaram a discussão sobre o que é o Semiárido: o debate em torno do clima e o ambiente de produção da vida; a terra como um bem fundamental; água para viver; agroecologia: por um novo modo de viver; agricultura familiar como coletividade, parceria e valorização.

O principal foco dessa etapa foi assegurar que os cirandeiros e cirandeirinhas compreendessem a proposta e se comprometessem com os princípios e objetivos da ciranda, entendendo que o percurso formativo, com suas estratégias metodológicas, poderia ser recriado em cada comunidade, com o envolvimento e comprometimento do coletivo local. Seguindo nessa linha, a metodologia proporcionou um ambiente participativo para que fosse construído o perfil das cirandeirinhas e cirandeiros desejado para realização do trabalho idealizado.



Resultado do trabalho em grupo:
Compreendendo a "Círculo das Crianças" e
o "perfil das cirandeiras(os). Primeiro
momento da formação em Pindobaçu - BA



Resultados de trabalho em grupo: respectivamente,
perfil da cirandeira(o) e caracterização do semiárido
(primeira oficina e formação em Pindobaçu - BA)
Foto: Ivania Freitas



Fotos que evidenciam elementos infantis
presentes nas formações. Foto: Giçara Cadidê





Maria Araújo - cirandeira da comunidade Vila dos Pauzinhos
município de Campo Formoso-BA

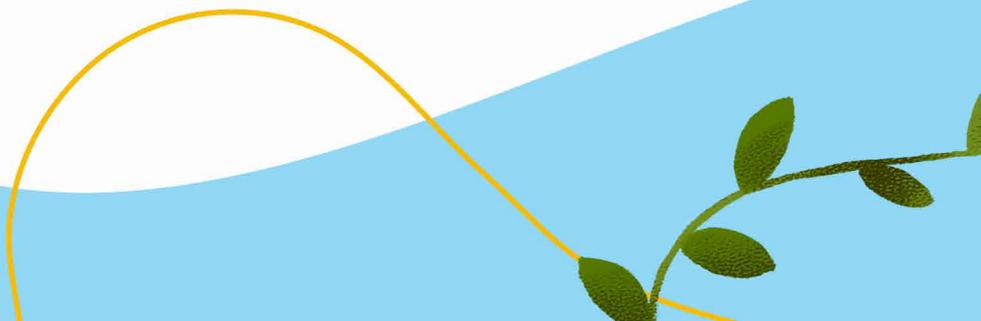
31

*A informação foi boa para toda cirandeira
Cada uma bote em prática para ser boa cirandeira
Porque os professor são bons
São professor de primeira
Nos deram a informação para nós todas se formar
O curso já terminou, mas nós vamos cirandar*

A estrofe do cordel em epígrafe acima, escrito pela cirandeira Maria Araújo, representa o sentimento que envolveu o grupo logo após a primeira etapa, cujo resultado foi transformador. Em campo, os efeitos positivos do aprendizado foram imediatos. Cirandeiras e cirandeiros se apropriaram dos conteúdos vivenciados e assumiram de fato seus papéis, embora em diferenciados níveis de comprometimento e de dificuldades.

Na segunda etapa, que ocorreu cerca de quatro a cinco meses depois da primeira, os temas trabalhados foram: no eixo infância, discutiu-se os temas, criança não trabalha; o lugar da criança na agricultura familiar; alimento é saúde - conquistando as crianças para viver de forma saudável; higiene e hábitos saudáveis. No eixo gênero, "Tamo Juntas": (empoderamento e organização); abuso e exploração sexual de meninos e meninas; orientação sexual; sexualidade; mulheres que fizeram e fazem história. No eixo convivência com o Semiárido foram abordados os temas viver bem no Semiárido; diversidade do Semiárido: clima, vegetação e pessoas; a cultura quilombola; arte e cultura.

Nessa etapa, a equipe já conseguia fazer uma leitura do grupo, a partir da vivência anterior, e muito sabiamente preparou uma metodologia mais direcionada para corrigir as questões identificadas como limitantes, a exemplo da pouca familiaridade das cirandeiras(os) com a afetividade, o lúdico e a fantasia. Mergulhada na estrutura metodológica de caráter lúdico, a equipe trouxe a fantasia das cantigas de roda, produção de brinquedos educativos, como bonecos de fantoche, e contação de histórias cercadas por elementos do universo infantil. A partir desses elementos o grupo foi tecendo, durante as oficinas, um universo afetivo para quebrar as resistências identificadas, principalmente na postura dos homens, mas também presente em parte das mulheres.



A ciranda saiu de quatro paredes e foi para as praças das cidades onde aconteceram as oficinas, para reviver a infância e encantar a todos que por ali passavam, com a musicalidade das cantigas de roda e a vibração positiva das cirandeiras e cirandeiros, que nesse ponto da caminhada já havia contagiado a todos e todas pela vibração da zabumba encantada de Ivo. O músico e facilitador das oficinas espalhou energia pelos quatro cantos por onde passou e despertou o amor e a dedicação no coração de todos que participam desse projeto pedagógico chamado “Ciranda das Crianças”.



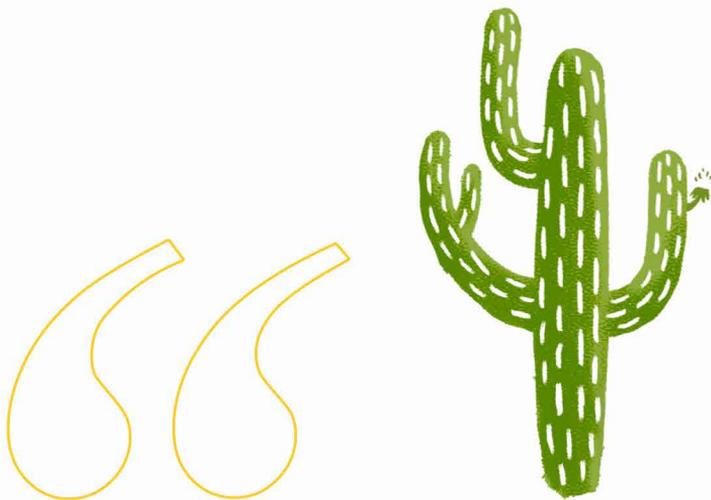
Cirandeiros e cirandeiras brincando na praça, cantando Umbuzeiro Pequeno, em Campo Formoso - BA (segunda oficina) - Foto: Giçara Cadidê

Cirandeiros e cirandeiras brincando na praça (cantigas de roda), em Campo Formoso - BA (segunda oficina). Foto: Giçara Cadidê



Trabalho de grupo: debate sobre desigualdade de gênero em Campo Formoso - BA (segunda oficina). Foto: Giçara Cadidê

A ciranda das crianças também aconteceu durante o processo de formação. Todas as mulheres que participaram das oficinas levaram seus filhos, que foram acolhidos por uma equipe de voluntárias e voluntários, estudantes de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, preparada para fazer o trabalho de cirandeiras durante as oficinas.



*Porque todas as crianças têm que ter boa atenção
Toda nossa região tem criança de todo jeito
Nós como cirandeira tem que ter carinho e respeito
Pra saber lidar com elas
Porque nenhum é perfeito.
Eu gostei muito bem
Não tenho o que reclamar
Só tenho que agradecer a quem veio nos ensinar
Ser ciranda é muito bom eu gosto até demais
Trabalhar como ciranda
Sou Feliz até demais
Trabalhar com as crianças é o que quero muito mais.*

*Maria Araújo - cirandeira da comunidade Vila dos Pauzinhos
município de Campo Formoso-BA*

COMO O PROCESSO DE FORMAÇÃO OFERECIDO PELA RUMOS CONTRIBUIU PARA A REALIZAÇÃO DA CIRANDA DAS CRIANÇAS



A capacitação realizada pelo Instituto Rumos cumpriu o seu papel de contribuir para que cirandeiros e cirandeiros pudessem compreender a proposta da Ciranda das Crianças e, a partir desse ponto, iniciar o trabalho em campo. O aprendizado adquirido foi transformador e revolucionário. Para as/os cirandeiros/os, ter participado das formações foi importante porque os conhecimentos aprendidos proporcionaram mais segurança para que elas/eles pudessem desenvolver o trabalho que se propuseram a fazer. Os instrumentos pedagógicos vivenciados facilitaram os encontros nas comunidades, criando espaços mais lúdicos e atrativos para o convívio com as crianças. Isso facilitou o vínculo delas e deles com o ambiente das cirandas e possibilitou a inclusão da infância no âmbito do projeto. Além disso, para as mulheres cirandeiros e mães a formação teve um duplo sentido: contribuiu para a educação social das crianças das comunidades e fortaleceu a educação familiar. Todas as cirandeiros que são mães declararam que o fato de ser cirandeira mudou a relação educacional com as crianças das comunidades e com os próprios filhos.

Os conteúdos pautados nos três eixos básicos que compõem a proposta da ciranda (gênero, infância e convivência com o Semiárido) revolucionaram e possibilitaram reflexões, aguçando os olhares das cirandeiros e cirandeiros para a percepção dos aspectos positivos e potenciais deles próprios e dos ambientes socioculturais onde vivem. Desenvolveram em cada um o olhar mais atento sobre as crianças, a visão crítica a respeito das desigualdades de gênero e sobre a importância da mulher no processo de vida das comunidades.

As análises desenvolvidas nesse relato foram feitas a partir das minhas observações enquanto técnica participante desse processo e dos depoimentos feitos pelos principais protagonistas dessa história, quais sejam: cirandeiros, cirandeiros, homens, mulheres e crianças que vivenciaram a experiência. As revelações desses protagonistas, descritas a seguir e contextualizadas nos resultados já produzidos, constatarem que os conhecimentos adquiridos nas capacitações já tiveram um alcance bastante amplo na medida em que foram se multiplicando a cada encontro realizado nas comunidades e seguem construindo, de forma coletiva, novos conceitos sobre as realidades onde chegam.





DEPOIMENTOS DE CIRANDEIRAS

Arleane da comunidade
Borda da Mata, Território Rural
Pau Ferro e Sobrevivência,
município de Campo Formoso - BA

“Meu nome é Arleane, sou cirandeira de minha comunidade. Nos encontros nos quais eu participei o que as crianças gostavam mais eram das brincadeiras, principalmente aquelas que valiam brindes. Uma facilidade para fazer o trabalho era que já conhecia as crianças. As vezes não conhecia a criança, mas conhecia os pais e isso facilitava. Uma dificuldade foi a pouca variedade de brinquedos. Então faltava objetos e faltava materiais, para a gente poder criar mais, né? O que mais me fazia feliz era saber que eles gostavam de mim. Quando eu chegava na sala eles já falava assim: nossa que bom que hoje é você...deu para sentir assim que eles gostavam do meu jeito de interagir com eles. Isso me dava mais vontade de continuar, né?”

Em relação à formação da RUMOS, foram os momentos mais marcantes do projeto porque não aprendemos só a lidar com as crianças, mas aprendemos também muito sobre o nosso papel de mulher na sociedade e na comunidade e isso foi muito marcante. Nós aprendemos a cuidar de crianças e para isso nós voltamos a ser criança. Pra você poder entender a criança, você tem que voltar a ser criança, né? Então esse foi um dos momentos marcantes, né? Com certeza o que a gente aprendeu lá, né? O que eles passaram para a gente nos dá força para continuar nosso papel. De buscar nossos objetivos. Não só como mãe, como dona de casa, mas também como uma sociedade em si, né? Saber o nosso papel, né? De mulher dentro da sociedade e assim, né? O que a gente espera que depois que o projeto passar a gente possa continuar interagindo, dando essa contribuição com tudo que a gente aprendeu como mãe, como dona de casa. Me sinto pronta para levar adiante e importante é que a gente teve essa formação que me ensinou a cuidar do meu pequeno também. Muito obrigada ao projeto pela oportunidade.”



Simone do Assentamento
Nova Canaã, TR Rumo à Renovação
no município de Pindobaçu - BA

Sou Simone aqui do Assentamento Nova Canaã. O que eu aprendi na formação foi de tudo um pouco. Antes aqui só os homens participavam das atividades e as mulheres tinha que ficar em casa cuidando da casa e das crianças. Hoje, graças ao projeto que veio trazendo a ciranda, as mulheres participam. As mães, deixa as crianças na ciranda e vão participar das reuniões tranquilamente e aproveitando bastante. E na ciranda a gente explica para as crianças o que está acontecendo nas reuniões com os pais. A gente ensina do nosso jeito em forma de brincadeiras. Ensina nossa realidade, a

realidade dos nossos avós e que hoje as coisas estão evoluindo. Ensinamos como a gente pode ter os nossos alimentos saudável e que a gente pode ter no campo tudo que a cidade tem. Aqui na ciranda elas podem evoluir mais, aprender mais muitas coisas. Posso dizer que esse projeto caiu do céu, porque eu aprendi bastante também. Você ver nos olhos de cada criança a felicidade de tá ali aprendendo, conhecendo letras que muitas crianças, ainda não conheciam, conheceram forma dos brinquedo, e ficar ali brincando, livre sorrindo e aprendendo. E eu acredito que essas crianças que participam da cirandas vão ser bem aproveitadas e no futuro vão ser umas crianças de mais evolução, do que as crianças que não teve a chance ainda de participar. Eu só tenho a agradecer pelos conhecimentos. Eu acho que as mães também. Fiquei muito feliz de poder participar e só o conhecimento liberta. Então as mães hoje têm mais conhecimentos devido a esse projeto por causa das cirandas, né? Eu trabalhei com amor e trabalharia gratuitamente, porque você tem a sensação do bem que você tá fazendo pra essas crianças e para todas as mães, inclusive a mim, que estão participando e ganhando mais conhecimentos. Essas crianças são o futuro do amanhã. Na ciranda a gente ensina também a cada um fazer um nome dos irmão, pai e mães, avó, das pessoas queridas que eles amam. Também desenhavam as casas que eles moravam antes de vir pra o assentamento. O que eles tinham, onde moravam antes e o que eles têm hoje aqui no assentamento. A gente também essa reflexão. A gente também fez esse trabalho e foi um trabalho que me emocionou muito.



**Francinete do Território Rural (TR)
Quilombos do Semiárido em Campo
Formoso - BA**

“Achei muito prazeroso brincar com as crianças principalmente de roda. Minha maior dificuldade encontrada foi a falta de um espaço adequado para ficar com as crianças e uma facilidade foram os brinquedos adquiridos. Tinha bastante brinquedos. O mais prazeroso foi vê-las felizes e aprender a conviver e conversar com elas. As nossas crianças são umas bençãos!”



**Isabel de Souza Carvalho
do TR Sementes da Vida em
Campo Formoso - BA**

“O trabalho da ciranda é que tem que saber lutar com as crianças, tem que ter amor e carinho com eles, tá entendendo? E tem que fazer, tem que saber lidar com as crianças, porque criança nós nunca tínhamos que nem um adulto, né? A gente tem que ir com amor e carinho.

Já sobre a igualdade de menino e menina, a gente só tem que saber separar só o sexo, né? Porque eu acho que o direito que

uma menina mulher tem que fazer, homem também tem, porque eu acho que não é nada demais um homem lavar prato, arrumar uma casa, lavar roupa, né? Eu acho que não pode ser tudo assim. Não tem nesse negócio dizer que porque é homem num lava prato,num lava roupa, tem que quebrar o preconceito e fazer a mesma coisa.”



**Daniela Cruz de Souza da comunidade
Saquinho no TR Unidos Por Território
Melhor em Campo Formoso - BA**

“O que mais gostei nos encontros foi aprender a cuidar de crianças. O mais prazeroso em ser cirandeira é ver o sorriso no rosto de uma criança. A formação foi muito produtiva e a aprendizagem mais importante foi saber olhar para as crianças com o olhar diferente, para entender o que está passando na vida dela e o que ela precisa. O que mais gostei no curso foi fazer brinquedos e contar histórias. É possível continuar esse

trabalho mesmo depois do projeto, pois precisamos olhar as nossas crianças com amor e cuidado e ensiná-las o caminho correto a seguir não importa se seja filho.”



**Maria Debora da Silva Barbosa, da
comunidade Lagoa Branca no TR Unidos Por
Território Melhor em Campo Formoso - BA**

“Sou Maria Débora. Participar da formação de cirandeira foi muito bom pois aprendi muitas coisas e como lidar com crianças e poder voltar a ser crianças novamente foi maravilhoso! Os encontros ficaram marcados no coração e na mente de cada um. Exercer esse papel é prazeroso e divertido demais. Lidar com crianças é maravilhoso! Pretendo continuar esse trabalho sendo cirandeira na minha comunidade.”

CAMINHANDO E CANTANDO NA CIRANDA DA DIVERSIDADE :

A perspectiva multifocal na formação de cirandeiras/os do Projeto Pró-Semiárido



Joyce Souza Lopes¹³ e Joaquim Alves de Oliveira Neto¹⁴

As atividades de Formação de Cirandeiras(os) do projeto Pró-Semiárido, desenvolvidas pela Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda (ARESOL) nos Territórios de Identidade Piemonte da Diamantina e Baía do Jacuípe, foram iniciadas nos dias 15 e 16 de maio de 2019, com a realização da reunião de planejamento e capacitação de cirandeiras(os), organizado em conjunto com a Assessoria de Gênero, Raça/Etnia e Geração e a equipe do SETAF Jacobina do Pró-Semiárido.

Nessa reunião, foi garantida a capacitação prévia de dois monitores cirandeiras(os), as/os que atuaram com as crianças sob responsabilidade das/os participantes nas formações realizadas, com o objetivo de garantir a ampla participação, além de envolver as crianças também como público-alvo do projeto de formação de cirandeiras(os) e do Pró-Semiárido como um todo. Na oportunidade, houve a sistematização de métodos, técnicas, instrumentos e conteúdos didáticos lúdicos e contextualizados para formação dos agentes cirandeiras(os), de modo que pudessem ser estimulados e construídos também entre a/os mesma/os os instrumentos político-pedagógicos de suas intervenções junto às crianças. Isto sob a concepção crítica de possibilidade de “fazer com os sujeitos” e não necessariamente “fazer para os sujeitos”, os quais são portadores de capacidades fundamentais.

Toda metodologia foi pensada e executada com o objetivo de promover a reflexão e reconhecimento das práticas educacionais do campo, através do resgate de brincadeiras, cantigas, místicas e/ou valores sociais positivos acerca da infância e das relações intergeracionais. Além da dimensão do alcance de um processo que desse conta da prerrogativa de salvaguarda, correlacionada a temas emergentes, numa perspectiva de desconstrução dos traços de opressão imbricados na tradição e na educação formal e não formal. Nesse sentido, a dimensão da multi e interdisciplinaridade fez-se elementar para a transversalidade de temas como agroecologia, convivência com o Semiárido, segurança alimentar e hídrica, questões de classe, gênero, raça/etnia, geracionais, etc.

¹³Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Brasília (UNB); Mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: Joyce.seso@gmail.com

¹⁴Bacharelado em Administração (UFBA); Pós-graduação em Inovação Social, com ênfase em Agroecologia e Economia Solidária (IFBaiano, Campus Serrinha).

Dentre o universo do aprender brincando e do brincar reflexivo, podemos citar empreendimentos satisfatórios e certamente transformadores da realidade, como a oficina de Abayomi¹⁵, caracterizada entre as dimensões teórica e metodológica, um modo não somente de reflexão sobre as relações de gênero, raça-etnia e geração, mas uma expressão de como trabalhar com as crianças tais aspectos, através da contação de histórias e produção de bonecas-amuletos. Fez-se uma forma de reiterar discussões insurgentes no método do Carrossel, como o fato de mencionarem que antigamente as mães e as próprias crianças faziam as bonecas (de tecido, sabugo de milho, incó, tronco de bananeira, casca de melancia, buzo, etc) e atualmente as crianças terem o exercício da criatividade limitado ao receberem brinquedos prontos, automáticos ou tecnológicos; ou mesmo a discussão entre brincadeiras, sobre gênero e sexualidade na infância, a partir da ideia da boneca ser um brinquedo de menina; especialmente trabalhou-se as questões de gênero e raça, tratando-se do enfoque em um elemento de resistência da cultura de mulheres negras e da historização do sequestro de povos africanos para o Brasil.



O processo de elaboração de um painel para contação de histórias possibilitou o exercício da criatividade artística voltada para o desenho, pintura, recorte, costura, etc., com o objetivo de trabalhar mais uma vez, de forma transversal e interseccional, os eixos orientadores dos conteúdos das atividades da Ciranda das Crianças. Também de cunho teórico-prático, além de exercitar as técnicas de contação de história, a utilização do recurso do painel e elementos criados facilitam a abordagem de temas como a convivência agroecológica com o Semiárido, a diversidade produtiva, a valorização da cultura local e da identidade camponesa, intersecções e fortalecimento do tempo infância. Sua utilização nas cirandas estimula a criatividade, a concentração, a curiosidade, o hábito de leitura e o gerenciamento de emoções; promove momentos de união, trocas de experiências e a construção coletiva de conhecimentos; possibilita a expansão de visões de mundo, tal como de percepções acerca do contexto; abordam a noção de que ganhar e perder fazem parte do jogo - e da vida; exercitam a coordenação motora e a habilidade em debater diferentes pontos de vista; além de proporcionar a integração de conhecimentos tradicionais e técnico-científicos de maneira acessível, lúdica e inovadora.

¹⁵ Abayomi era o nome dado às bonecas confeccionadas pelas mães escravizadas, com retalhos de suas roupas, utilizadas por essas mulheres para acalmar suas crianças na travessia entre a África e o Brasil. De origem ioruba, a palavra significa alegria e felicidade.

As brincadeiras com elementos sonoros, com o objetivo de explorar vários sentidos corporais e habilidades correlatas, como a concentração e o equilíbrio, possibilitaram a reflexão lúdica sobre aspectos como percepção auditiva e corporal, concentração, curiosidade, emoção. Dentre as propostas realizadas, refletiu-se especialmente sobre: a relação entre discriminações sócio raciais e a estratificação cultural no campo da música, conforme o exemplo da valoração diferenciada entre, por exemplo, instrumentos como o berimbau e a flauta transversal, ou ainda sobre o preconceito relacionado ao uso do agogô; a possibilidade de utilização positiva de recursos digitais, como aplicativos para identificar o som dos pássaros da caatinga. O que levou a conclusões sobre ser impossível barrar o avanço das tecnologias no campo, a mudança sobre as formas de brincar e o desafio relacionado a sua apropriação de modo saudável; a respeito de engaiolar pássaros, maus tratos de animais, o desmatamento da caatinga e sua relação com a extinção de aves e outras espécies nativas.

Além disso, é muito comum termos metodologias que visam “formar musicalmente” os indivíduos, porém sem dialogar com os sons e/ou a musicalidade dos lugares e corpos envolvidos. Todos somos instrumentos, promotores de sons. Essa musicalidade há de ser base para qualquer processo de valorização sociocultural. Assim, a confecção de instrumentos, apreensão de sonoridades locais (cantos dos pássaros da região, cantigas que acompanham a labuta do dia a dia ou cantadas em celebrações, etc) e a valorização de instrumentos e músicas propriamente ditas, das localidades, são elementos fundamentais nessa construção. Na nossa experiência de formação, foi perceptível que a junção entre movimento e som, além de divertidíssimo - talvez por isso mesmo - é fundamentalmente pedagógico.

O recurso audiovisual no terceiro dia de formação foi oportuno em muitos dos módulos de formação, tanto no sentido metodológico, quanto em relação aos fundamentos. Após o exercício de uma série de atividades teóricas e práticas, o cine debate possibilitou um arremate discursivo. A partir dos eixos norteadores da formação, a equipe realizou uma curadoria elencando três curtas-metragens com temáticas relacionadas: 1 - Normal é ser diferente [vídeo]; 2 - Vida Maria [vídeo]; 3 - Disque Quilombola [vídeo]. Cada vídeo foi exibido seguido de discussões acerca dos elementos centrais, sobre o que sentiram e o que pensaram.

A utilização desses recursos ampliou o nosso bojo de possibilidades metodológicas. É uma maneira simples, do ponto de vista operacional, mas que gera um efeito formativo e de debate, imensurável. Isso colabora, no que tange a formação das/dos cirandeiras/os, com a constituição do leque de possibilidades destes/as, em suas práticas comunitárias, sejam elas ainda na execução de cirandas, no âmbito do projeto que estão inseridos, mas também nos seus mais diversos contextos sociais, como escolas, igrejas, associações e até no espaço privado das famílias.

É importante destacar que a utilização de recursos audiovisuais (ou qualquer outro produzido por terceiros) deve ter uma atenção sobre seus aspectos simbólicos de maneira geral. Ou seja, a ideia prática de se utilizar um recurso desses, tão “à mão” e de fácil execução, não pode se sobrepor ao zelo dos princípios do projeto. Portanto, a análise e seleção do material, a já mencionada curadoria, é parte elementar para tentar assegurar essa coerência.

O campo imagético é muito tênue e temos uma indústria de massa enviando mensagens por toda parte. Problematicar isso é de suma importância. E nesse momento da experiência com o audiovisual, isso é possível e rico.

Essa é a principal meta, enquanto equipe: escolher bem e preparar um “caminho”, para quando surgirem (ou que sejam provocadas pela equipe) discussões sobre determinados assuntos, alguns elementos que interligam nossa prática e demais vivências estejam minimamente prontos/disponíveis a nós, facilitadoras. E, como se trata de um processo de formação de multiplicadores, tudo isso não há de ser segredo. Pedagogicamente, é falando do “como” fazemos que nós (equipe) partilhamos saberes sobre temas e fazeres.



Enquanto equipe multidisciplinar, consideramos também a formação como um espaço de possibilidades. Assim, todos os elementos possíveis de serem abordados como instrumentos de troca de saberes, de reflexões e (trans)formações, são utilizados. Desde a acolhida dos grupos para os dias de formação, muito antes, na tentativa de sensibilizar os agentes para que façam um contato empático, no momento de convidar/comunicar algo - até a avaliação geral, que compõem, dentre outras coisas, a mística de despedida. Uma visão holística sobre os espaços de convivência, incluem os intervalos de lanche, almoço, café, etc, como sendo elementares, não para a discussão de conteúdos, mas igualmente importantes na manutenção de uma “ciranda formativa”. O zelo com o traslado, hospedagem e outras questões, por vezes vistas como minoritárias, ligadas à necessidade de medicamentos, preocupações e até higiene pessoal são, para nós, elementos importantes. Um dos momentos mais curiosos e diverso, é a cultural.

Em uma das noites de formação (geralmente a primeira ou segunda), preparamos um encontro coletivo (não obrigatório) para descontrair, conhecer um pouco da cidade anfitriã da atividade, conversar, trocar histórias, cantar, dançar, brincar nas praças e potencializar os laços, desde os mais breves, entre equipe de facilitadores e agentes, cirandeiros e cirandeiras e as crianças, mas também nas mais de longo prazo, entre os membros do projeto e aqueles que convivem em comunidade. Esse espaço, chamado por nós de cultural, é muito comum nas práticas dos encontros de grupos, sobretudo os da ARESOL. Nossa metodologia tem como princípio fundante a lógica das trocas. Assim, os protagonismos dos cirandeiros e cirandeiras, ou de quem quer que esteja compondo o espaço formativo, é parte importante do processo. Na cultural, por meio do corpo (com canto, dança, movimentos, gingas e sambas), constitui-se um rico espaço de troca formativa. A equipe organiza e possibilita realização, mas tudo é feito coletivamente, definindo horários, grupo mobilizador, rotina de atividades, local e afins.

Muitas ideias e percepções incríveis são relatadas, sistematizadas e discutidas pela equipe durante outras etapas nos momentos de formação propriamente ditos ou nas atividades seguintes, com outros grupos. Entendemos que não é possível tratar esse momento específico como parte da programação, pois a obrigatoriedade pode ferir costumes de rotina das/dos participantes, como dormir cedo, por exemplo. Aproveitamos da maneira e com quem é possível. De modo geral, todas as pessoas participam. Muitas iniciam desconfiadas e saem pedindo para ficar mais, diga-se de passagem.

A multidisciplinaridade na equipe técnica da ARESOL, com profissionais qualificados de diversas áreas, como Pedagogia, Licenciatura, Artes, Serviço Social, Antropologia, Sociologia e Inovação Social, garantiu a diversidade temática e metodológica no processo produtivo em parceria com as equipes do Pró-Semiárido e o seu reconhecido acúmulo de experiências relacionadas aos objetivos deste empreendimento, em que pese a participação da assessora de gênero Beth Siqueira. A perspectiva de gênero fez-se elementar, dada a formação política do quadro profissional e o quantitativo de maioria de mulheres, sendo oportuna a reflexão acerca da participação masculina na formação de quadros para o exercício de atividades relacionadas às práticas com crianças, tidas para o senso comum como sendo naturalmente “coisa de mulher”.

Enquanto principal dificuldade, apontamos os aspectos da conjuntura do Projeto Pró-Semiárido, especialmente no que se refere à execução tardia da formação das/os cirandeiras(os). Inicialmente, a maioria das pessoas presentes demonstraram estar desencorajadas a participar do processo, não produziram sentidos para a formação, já que as atividades do Pró-Semiárido estavam finalizando ou já tinham sido finalizadas em seus respectivos Territórios Rurais. Partindo desse ponto, configurou-se o desafio de ressignificar as finalidades, relacionando a importância da autonomia, mobilização e engajamento das/os cirandeiras(os) para que desenvolvam as trocas e aprendizagens proporcionadas em suas comunidades, seja enquanto um legado do Pró-Semiárido ou ações cidadãs e políticas em prol do desenvolvimento local.

Discutir questões tão sensíveis e complexas (como violência infantil, violência contra a mulher, sexualidade, homofobia, etc.) em um curto espaço de tempo, tendo que dar conta de outras temáticas principais, é também um dos desafios, bem como a não continuidade da formação. Em cada núcleo torna-se explícita a demanda de formação contínua. Esse primeiro encontro cumpre o objetivo de aproximação e entendimento da proposta, criação da identidade de cirandeiro. Porém, são necessários momentos em que as cirandeiras(os) nos apresentem os resultados dos seus passos, as dúvidas e dificuldades e passem por outras formações e encontros como esses para expressar a riqueza da partilha.

A metodologia empreendida cumpriu o objetivo de relacionar teoria e prática em um processo lúdico de formação, com comunicação e linguagem adequadas à demanda. Além dos métodos e técnicas mencionados e analisados acima, uma série de dinâmicas foram realizadas, tendo em vista a iniciação ou encerramento das atividades por turno; avaliações parciais; o favorecimento da concentração; o estímulo e entusiasmo; quebra de gelo; prática de cirandas, etc. As/os cirandeira/os participaram ativamente deste processo, seja conforme a organização de uma brigada específica para isso, seja pela predisposição de algumas pessoas mais desinibidas e propositivas. A brigada do último dia de formação se destacou pela apresentação de uma roda de capoeira, poesia e samba, expressando a diversidade cultural existente nas comunidades e as possibilidades de interações lúdicas, artísticas, políticas e históricas junto às crianças.

O perfil e o local de fala das cirandeiras condicionam o modo como cada uma vivenciou as oficinas, não obstante a racialidade e etnicidade expressarem também elementos preponderantes. O olhar apurado sobre as que expuseram sobre sua timidez e dificuldade de falar em público e/ou que apresentaram maior dificuldade em se integrar ao processo formativo nos leva justamente a identificar que são aquelas que em seus corpos estão os marcadores fenotípicos da raça negra, as mais retintas e/ou as quilombolas. São estas as que sofrem diretamente com o racismo, além da opressão de gênero e que, não obstante, possuem maior abalo na autoestima, dificuldade de participar ativamente, de falar em público, de se expressar. Nesse sentido, a oficina de bonecas abayomi é elementar ao tratar de resistência, de identidade, de valorização da cultura negra, da importância do brincar com aquilo que pode ser referência de beleza, de cuidado. Em uma das oficinas, por exemplo, foi confeccionada uma boneca abayomi gay por um jovem adolescente cuja expressividade e discurso enunciavam sua sexualidade homoafetiva.

Cirandeira/os em formação expressaram carregar a disposição de mudar suas realidades e destacaram a falta de momentos que a/os auxiliem no processo de formulação de ideias e estratégias de atuação. Assim, a formação de cirandeiros(as) cumpre uma função importante nesse processo, visando promover esse encontro entre a vontade de mudança e a construção de um plano de ação, neste caso, voltado à formação cidadã das crianças no campo, conformando um ciclo importante de engajamento comunitário, mais holístico e possivelmente com maior eficiência.

Esse aspecto atemporal da formação possibilita, então, um ganho de ânimo durante o processo de formação, uma vez que o desafio do ponto de vista de escopo do projeto - com suas atividades já em andamento, sem cirandeiros(as) em sua maioria - ia sendo dirimido aos poucos, com o entendimento de que as trocas e aprendizados ali praticados são bases para transformações de longo prazo. E que, de maneira prática, os dias em que se vivenciam essas experiências, são em si mesmos, também uma grande transformação.



Existe um caráter de progressividade, muito importante, presente no percurso de nossas atividades. A formação de cirandeiros e cirandeiras, do ponto de vista estrutural, enquanto política pública e também campo teórico, pode ser considerada uma inovação social, sobretudo pela perspectiva trazida no próprio âmbito do Pró-Semiárido, com base nos princípios da agroecologia, fundamentais à política de gênero a qual o projeto está inserido.

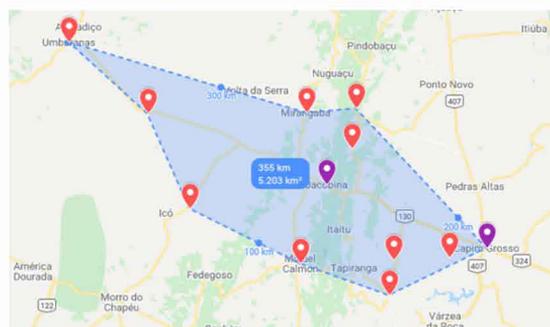
A cada encontro, reunião de planejamento<avaliação>planejamento, avaliação coletiva com os grupos, íamos percebendo a complexidade dessa empreitada. A metodologia base, por diversas vezes ajustada, se mostrava coesa e adaptativa. E os elementos que não nos apetecia iam, aos poucos, sendo reformulados ou substituídos. Nossa práxis foi, naquilo que é exigido e no que é possível, minuciosamente detalhada e cuidadosa. Existem muitos limites, como já relatamos. Operacionalmente, as questões territoriais, que envolvem mobilização, traslado e tempo, são elementos que compõem o desafio de execução desse projeto, por demandar muito de todos os envolvidos, mas também denota a magnitude do mesmo. Ao analisarmos o alcance, visualizamos uma realidade alcançada muito significativa. Infelizmente, não resolve todas as questões e problemas. E o projeto também não se propõe a tal façanha, mas é, inexoravelmente, uma quebra nos paradigmas, tanto metodológicos, quanto de execução.

A rede de comunidades atendidas, aqui representadas pelos 12 municípios até então contemplados, é um marco importante para esse projeto que, dentre tantas outras mobilizações de recursos e métodos, vem possibilitando a construção de caminhos para realidades outras, no convívio com o Semiárido e o fomento ao desenvolvimento endógeno desses territórios.



Cidades

-  Capim Grosso
-  Jacobina
-  Caém
-  Quixabeira
-  Serrolândia
-  Várzea do Poço
-  Mirangaba
-  Várzea Nova
-  Saúde
-  Miguel Calmon
-  Ourolândia
-  Umburanas



Aqui, foi possível relatar parcialmente um pouco dos resultados do projeto de formação de cirandeiros e cirandeiras, executado pela ARESOL. O registro desses fazeres próprios, construídos coletivamente, é de suma importância para a construção de redes multiplicadoras, dentro e fora da política de Estado. Somos apenas uma parte de todo um arcabouço de mudanças que vêm acontecendo nesse sentido e sendo mobilizadas por outras entidades. Mesmo não tendo sistematização que contemple tudo o que de transformador há nesse processo, acreditamos na nossa contribuição para esta mudança social, através do fortalecimento das políticas de gênero.

UNIÃO, ALTERIDADE DE RESPONSABILIDADE COLETIVA



Cristiene Curvelo
Técnica do Componente do Pró-Semiárido

A performance dessa ação tomou-se a representação da união, do trabalho em coletividade, o compromisso com o outro, a responsabilidade mútua e, principalmente, a igualdade de participação do homem e da mulher no que tange às atividades políticas e sociais dentro de cada comunidade. Com isso, viu-se a importância de agregar as crianças, filhos/as dos/as participantes, no processo de formação que seus pais/cuidadores experienciam.

O trabalho é desenvolvido de forma lúdica, propondo o desenvolvimento motor, bem como lazer, fortalecimento da infância e gênero, raça e etnia, onde são discutidos assuntos como a sobrevivência no campo, o papel da mulher na sociedade, a aprendizagem das crianças, entre outros. É lindo ver os depoimentos das mulheres que participaram das formações, ao expressarem a importância do projeto, onde o que se aprende é passado adiante, seja para as crianças, para outras mulheres, ou para a comunidade à qual pertencem. Muitas delas viram a necessidade de discutir o papel do homem na aprendizagem das crianças, pois muitos ainda são preconceituosos e não entendem que a sua participação nesse processo é fundamental e, através desse projeto, as participantes vêm notando mudanças positivas em seus lares.

Elizângela Araújo

Cirandeira do Território Flor do Mandacará - Ponto Novo - BA

“É muito ruim quando a gente está num evento e tem que levar sua criança, que você tem que dividir atenção, cuidar da criança e participar ao mesmo tempo, e no projeto é diferente, aqui nós temos atividade, os nossos filhos também e podemos aprender mais.”

Outra participante da formação é Leovânia Dias do Território Renascer da Caatinga - Andorinha, que diz: “A formação das cirandeiras foi muito importante na minha vida, aprendi várias coisas que irei levar para o resto da minha vida, não só para trabalhar com as crianças do território, mas aplicar em casa com minha filha e passar para minha família. Fomos muito bem tratadas pela equipe que deu a formação, muito carinho e cuidado, além do conhecimento.”

Através dos relatos, pode-se perceber que a intervenção através da ciranda, proporciona à comunidade a possibilidade de se responsabilizar de modo coletivo com relação à educação da criança, permitindo que muitos conceitos preestabelecidos sejam mudados. Ademais, percebe-se que a estratégia utilizada nessa ação demonstra o quanto são importantes essas abordagens frente à formação da criança, realizando, ao longo do tempo, um processo de desconstrução de preconceitos, sejam eles raciais ou de gênero, que certas vezes são bagagem da infância.



*Território Conviver com a Caatinga,
Município de Andorinha - BA*



*Território Sustentável Familiar Reconstruindo Sonhos
Município de Senhor do Bonfim - BA*



Cantinho das Cirandas no Território Renascer da Caatinga - Andorinha - BA



VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS:

Uma experiência educativa na formação de Cirandeiras e Cirandeiros no semiárido brasileiro



(Capiba)

“Minha ciranda não é minha só, é de todos nós, é de todos nós!”

¹⁶Amilton Santos, Antônio Ivo Rodrigues Cezario,¹⁷
¹⁸Felipe de Sena e Silva e Tiago Pereira da Costa¹⁹

Inicialmente, é importante ressaltar que o trabalho desenvolvido pelo Instituto Regional da Agropecuária Apropriada - IRPAA junto às cirandeiras e cirandeiros tem duas dimensões complementares. A primeira é política, visando o empoderamento dos sujeitos e, conseqüentemente, seu protagonismo sociopolítico; e a segunda é pedagógica, que orienta-se pela apropriação de elementos teóricos e de práticas pedagógicas significativas para a vivência das pessoas.

Dentre os objetivos elencados pelo IRPAA como fundamentais no desenvolvimento do processo formativo, potencializando a Ciranda das Crianças como espaço formativo e lúdico, destacam-se o acesso das cirandeiras e cirandeiros a ferramentas metodológicas, a ampliação da participação política das mulheres nos espaços de decisão e a garantia do envolvimento e participação de crianças e adolescentes. A promoção dos debates de gênero, geração, convivência com o Semiárido, raça e etnia nos territórios rurais materializou-se a partir de um conjunto de formas, saberes e fazeres, que já são parte da essência do Instituto e do seu trabalho junto às comunidades.

A equipe envolvida no projeto foi composta a partir dos diversos saberes e experiências exigidas: um educador/escritor/diretor de teatro, com experiência em contação de história e formação em Letras; um graduado em Letras, com pós-graduação em Educação do Campo e experiência em construção de brinquedos e jogos educativos; e um arte-educador - pedagogo que pesquisa sobre o papel das brincadeiras na infância. Toda a equipe está ligada à educação em espaços escolares e não escolares e vem há anos desenvolvendo trabalhos envolvendo crianças e adolescentes no contexto do Semiárido.

O processo de formação de cirandeiros e cirandeiras se propôs a trabalhar com educação contextualizada, oportunizando a esses sujeitos uma postura crítica e reflexiva. O papel deles abrange três aspectos: a) pensar o futuro das crianças e adolescentes na perspectiva da sucessão familiar desde a infância; b) contextualizar as realidades vividas pelas comunidades através de práticas educativas e lúdicas; c) fortalecer a convivência com o Semiárido na perspectiva da melhoria das condições de vida.

¹⁶ Graduação em Letras, Pós Graduação em Educação do Campo, Contador de Histórias, Educador Popular, Confeccionador de Jogos Pedagógicos e Formador Pedagógico.

¹⁷ Pedagogo (Univasf), Arte Educador, Educador Social, Ator e Diretor Teatral.

¹⁹ Graduação em Ciências Biológicas (UFS), Educador Popular e Colaborador do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA).

¹⁹ Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT/UNIVASF); Mestre em Extensão Rural; Coordenador Institucional do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA); Diretor da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (REFAISA).

A contextualização é um princípio norteador da prática educativa e característica do trabalho desenvolvido pelo IRPAA desde a sua fundação. Contextualizar é desconstruir estereótipos equivocados, problematizar concepções distorcidas sobre a realidade da região e dar sentido às representações sociais próprias da cultura e da identidade popular, que historicamente foram invisibilizadas.

Outro princípio basilar do processo de formação está calcado na relação teoria e prática, segundo a tríade ação-reflexão-ação, tendo em vista que as cirandeiras e cirandeiros, pelos diferentes graus de escolaridade, requerem uma estratégia metodológica que dialogue com estes sujeitos, partindo do seu contexto, de fácil entendimento e com base na realidade concreta. A partir desse entendimento, foram utilizadas diversas linguagens audiovisuais, tais como vídeos, músicas, contação de história e confecções de brinquedos, além de muita criatividade que colaboraram na compreensão sobre os temas abordados e bem aceitos pelos participantes.

As metodologias utilizadas durante o processo formativo foram as mais diversas possíveis. Entre algumas, destacamos: os trabalhos em grupo e as práticas interativas, as dinâmicas, o uso coletivo de materiais pedagógicos, além do próprio ambiente onde acontecem as formações, ornamentado com livros, flores e frutos do Semiárido, objetos e instrumentos musicais que, sem sombra de dúvidas, é um convite propício para o acolhimento e interação dos participantes, sem perder de vista as subjetividades que são fundamentais nessa construção colaborativa.

PARTILHAS E VIVÊNCIAS



Tendo como ponto de partida a Educação como um ato político, assumiu-se durante o processo formativo uma perspectiva crítico-reflexiva na formação com as cirandeiras e cirandeiros, na intenção de ajudá-los a compreenderem-se como sujeitos mediadores da aprendizagem dessas crianças, incentivando-as a refletir sobre as ações desenvolvidas. Acreditando que todas as pessoas são capazes e produtoras de conhecimento, espera-se que as trocas - de saberes e experiências - que estão sendo realizadas não sejam feitas sem uma reflexão crítica, colocando os sujeitos envolvidos como protagonistas. A busca constante pela construção coletiva do conhecimento partirá das realidades vividas pelas pessoas, levando em consideração cada especificidade, aprofundando e aperfeiçoando o conhecimento existente.

A proposta do projeto tem no seu arcabouço a opção de trabalhar sobre a infância, o gênero/raça e etnia e a convivência com o Semiárido. Todos estes temas suscitaram importantes reflexões, motivando cirandeiras e cirandeiros a olharem sobre diversas perspectivas, desde a valorização das crianças e adolescentes como sujeitos de direito, a reflexão sobre o papel de homens e mulheres na sociedade, a divisão justa nos trabalhos domésticos, o reconhecimento das potencialidades e limitações do Semiárido.

No eixo de trabalho que discute a infância, buscou-se, desde o reencontro das cirandeiras e cirandeiros com o “ser criança” que existe dentro delas até desenvolver novas percepções sobre o papel das crianças no território. O brincar, o rir, o partilhar, o cooperar, foram aspectos imprescindíveis nas formações, colaborando para o exercício de novos valores e a reflexão para construção de uma nova sociedade. A ludicidade também se tornou uma ferramenta metodológica que os participantes trouxeram como positivo nas formações, pois foi possível uma interação entre o brincar e o aprender, tomando essa forma dinâmica e construtiva.

Destacamos alguns depoimentos de cirandeiras e cirandeiros que participaram das oficinas, para ressaltar o significado pessoal da experiência vivida, bem como a contribuição político-pedagógica já proporcionada pelas ações desenvolvidas. Para Márcia Aniceto, da comunidade Lagoa de Fora, Território Rural Terra Prometida, município de Sento Sé, a formação foi muito importante para ela, que sente-se muito agradecida pela oportunidade de ter vivenciado a experiência,

“Desde o início ao fim, foram muitas brincadeiras, muitos aprendizados, resgatamos nossas brincadeiras de infância. Aprendi muito no curso, e tenho certeza que passei também para os demais companheiros e companheiras. Resgatamos a brincadeira do elástico, que emoção em falar disso! A tarde brinquei, brinquei bastante, acho que faça mais de 25 anos que não pulava elástico! Brinquei de uma forma, como se tivesse voltado toda a minha infância ali a tarde”.

Ela também conta que depois que voltou da formação apresentou para a comunidade e para as crianças que haviam aprendido e acrescenta: “Amei atuar como cirandeira na minha comunidade, com as crianças”.

Os temas discutidos conseguem proporcionar diversas questões interessantes no debate da infância. Por exemplo, percebe-se que a participação das cirandeiras e cirandeiros ajuda na compreensão e no entendimento da criança como sujeito de direito instituído na Constituição Federal na década de 90. Diz Eliane das Virgens Sousa, da comunidade Brejo do Carrasco, Território Rural Buricã, município de Pilão Arcado:



“Eu achei de suma importância essa formação. Para mim que sou pedagoga e professora, só me enriqueceu como profissional e como pessoa. Foi maravilhoso!”.

Eliane ainda acrescenta sobre a riqueza que ela vivenciou nos dias da formação. Ainda no eixo da infância, o trabalho de contação de histórias ajuda as cirandeiras e cirandeiros a mergulharem no universo da ludicidade, fazendo com que as mesmas e os mesmos sintam-se motivados a retomarem as suas memórias afetivas e despertem, a partir de muita diversão e alegria, a reconexão com a criança dentro de si mesmo.

Além disso, o eixo da infância contribui também no exercício da criatividade e da imaginação de cirandeira e cirandeiro. Para Vanusia da Cunha Pereira, da comunidade Angico, Território Rural Flor da Caatinga, município de Juazeiro, a experiência vivenciada na formação foi maravilhosa.

“Aprendi muitas coisas naquela formação. Gostei de tudo, dos professores, das peças, maneira como eles passaram pra gente de como lidar com as crianças, a confeccionar os brinquedos. Foi tudo muito importante”.

Ela também conta que já vem colocando em prática dentro da sua comunidade e nas atividades da igreja muitas ideias que aprendeu. “Já confeccionei aqui com eles, faço algumas brincadeiras, estou praticando contação de histórias. Cada detalhe ali [na formação] foi importante”.

Trabalhar os jogos educativos, os brinquedos e as brincadeiras, que são parte do conteúdo utilizado durante as oficinas, reafirmam a identidade, proporciona a valorização do tempo de ser criança, amplia a afetividade entre a família e a comunidade, desperta para o cuidado com a natureza e possibilita uma permanência em sua propriedade se ele ou ela assim escolher quando se tornar adulto.

Benedito Sirqueira Evangelista, coordenador da Pastoral da Criança no município de Sento Sé, que acompanha muitas comunidades rurais e participou da formação:



“Para mim a formação das cirandeiras é um projeto muito importante, porque nele encontramos os recursos humanos, o conhecimento, o envolvimento. É a prática daquilo que muitas vezes, por falta de conhecimento, ou de oportunidade não colocamos em uso, que é o contato, é a relação, é a experiência de saber um do outro. E nela eu consegui encontrar uma Educação Popular que há muito, muito tempo vem atuando em nossas comunidades”.

No eixo de gênero, raça e etnia foram trazidas falas e desconstrução de determinados preconceitos, principalmente por parte dos homens, que desconsideram a contribuição das mulheres nas tarefas diárias, bem como no aspecto financeiro, desvalorizando as várias jornadas de trabalhos realizadas por elas. A experiência demonstrou o quanto ainda é necessário refletir sobre a temática de gênero com as mulheres do campo. Mas não só com as mulheres, elas também sugerem que o tema seja estudado e refletido também com os homens, pois na percepção delas, os homens precisam entender que eles são os praticantes da violência contra as mulheres.

As mulheres relatam que ainda há muitos casos de violência física, psicológica e econômica contra elas, além dos casos de violência que ainda ocorrem em suas comunidades sobre outras mulheres. Nas formações evidenciou-se também, levando em consideração a participação dos cirandeiros, apesar de muito pequena, a reflexão sobre o ato de cuidar, ressaltando-se que não deve ser apenas das mulheres, mas que os homens precisam estar mais envolvidos.

Para Valdecleia Leite, da comunidade Brejo Dois Irmãos, Território Rural Buricã, município de Pilão Arcado, a formação teve um significado importante, pois pôde ter contato com informações até aquele momento desconhecidas.

“A formação foi muito importante. Aprendi sobre várias leis, discutimos sobre vários assuntos importantes. Deu para entender também sobre a violência contra a mulher, a Lei Maria da Penha. Foram discutidos vários assuntos, dentre eles a violência doméstica”.

Além disso, foram trabalhadas várias dinâmicas usadas para facilitar a compreensão sobre o assunto e de como elas podem ser abordados com as crianças.

No eixo da convivência com o Semiárido (CSA) ressalta-se que é fundamental a desconstrução do paradigma do combate à seca, pautando a efetivação de direitos sociais para os povos da região. Entendendo que a CSA é uma proposta construída a partir dos diversos sujeitos sociais inseridos na luta e que buscam a valorização, e principalmente respeito, dos seus modos de vida.

A discussão da CSA retoma a importância das políticas públicas, com destaque para Tecnologias Sociais, Assistência Técnica e extensão Rural (ATER), Agroecologia, Educação Contextualizada, Segurança Alimentar e Nutricional, Economia Solidária, Terra e Território, Juventude, entre outras.

Em todas as formações realizadas, identificou-se que os debates que perpassam a proposta da CSA necessitam ser ainda mais evidenciados, garantindo a disseminação das ideias para o máximo possível de pessoas e comunidades.

DESAFIOS E SONHOS VINDOUROS

A realização das oficinas mostrou, sobretudo, a relevância social dos temas abordados, pois as cirandeiras e cirandeiros que participaram das formações - nos momentos de avaliação - reafirmam o quanto o que foi partilhado e construído teve impacto positivo nas suas vidas, não só na dimensão profissional, mas, principalmente pessoal e nas relações sociais. Muitos desafios foram enfrentados para que as atividades fossem realizadas, assegurando que o máximo possível de cirandeiras e cirandeiros conseguissem participar. São eles:

I) a mobilização, principalmente das cirandeiras, sendo que muitas mulheres sofreram a resistência dos seus parceiros para participação nas atividades, tendo em vista que muitos ainda têm limitação na compreensão do que a formação representa para a vida das mulheres;

II) o deslocamento e o transporte, tendo em vista que as comunidades muitas vezes estão a quilômetros de distância da sede do município onde são desenvolvidas as atividades, e as condições das estradas, que também não contribuem para o acesso e deslocamento das mesmas;

III) a carga horária, que apesar da riqueza dos debates e aprendizados vivenciados nas formações ainda se percebe que para muitas mulheres, por conta do machismo dos parceiros, passar muito tempo fora de casa é um fator prejudicial para a vida familiar.

Enfim, fica evidente que as mulheres ainda são as mais prejudicadas e que enfrentam os maiores obstáculos quando se refere ao engajamento e participação social e política. Sendo assim, a continuidade destas ações reafirma a importância do papel político que as mulheres possuem no desenvolvimento rural sustentável, seja no âmbito local, territorial e regional.

Fica o desafio coletivo de dar continuidade e incentivar mais a participação dos homens, para que eles se percebam como parte dessa construção, e que seu envolvimento é positivo e necessário na dimensão comunitária.

Como fruto dos debates realizados, observa-se que fica compreendido a importância que existe na dimensão da vida comunitária em especial e das diversas relações sociais que lá são feitas, como também ajuda para que os diversos sujeitos interajam, visando o bem comum da comunidade.

Um ponto positivo e significativo durante as formações foi apoio que as equipes municipais e dos/as Agentes Comunitários/as Rurais (ACR's) no desenvolvimento das atividades. Inclusive, a participação ativa deles e delas nas atividades suscitou a reflexão dos/as mesmos/as e, conseqüentemente, a adoção de muitas metodologias ensinadas, que foram introduzidas nos seus trabalhos junto às comunidades. Assim, fica nítida a importância da integração das ações e políticas, potencializando as intervenções e transformações desejadas.

Ressalta-se aqui sobre o aprendizado que fica desse processo a importância da priorização de práticas educativas onde a construção dos conhecimentos seja parte fundamental e o quanto a partilha das experiências das pessoas envolvidas na ação contribui diretamente para a sua sensibilização e o seu engajamento.

O empoderamento, principalmente das mulheres que estão envolvidas, oportunizando que elas possam refletir sobre suas vidas e buscar na auto-organização sua autonomia financeira e política é de extrema importância. Acreditamos que este processo seja impulsionador de tantas outras iniciativas formativas onde elas estarão envolvidas. Além disso, espera-se que as cirandeiras possam sensibilizar outras mulheres no engajamento e na luta por seus direitos.

A sucessão familiar é outro elemento importantíssimo do processo, pois a ação educativa desenvolvida durante as formações contribui em duas perspectivas diferentes, sendo uma delas relacionada à valorização das crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, contribuindo com sentimento de pertencimento e identidade; já a outra está relacionada ao fortalecimento das ações intergeracionais, colocando os sujeitos em diálogo.

Portanto, acreditamos que a convivência com o Semiárido, como o paradigma societário, visa a materialização de afetividade nas relações humanas, entre homens e mulheres, adultos e crianças, crianças e adolescentes.



A EXPERIÊNCIA DAS CIRANDAS NO CAMPO E NAS RELAÇÕES

Por uma ATER integradora

A Ciranda das Crianças chega na comunidade! Após passarem por todo processo de formação, as/os cirandeiras/os estavam prontas/os para acolher as crianças durante as atividades do Pró-Semiárido, fossem elas ligadas ao componente Social ou Produtivo. No entanto, foi necessário um trabalho que integrasse as cirandas às ações desenvolvidas nas localidades, sobretudo àquelas ligadas à Assistência Técnica Contínua - ATC.

Para tanto, as cirandas contaram com a sensibilidade de técnicas/os das entidades de ATC do projeto, que buscaram integrar a ação às suas rotinas durante a assessoria técnica oferecida às famílias participantes do projeto,

na realização de oficinas, encontros temáticos e práticas. E é

sobre essa vivência por parte das entidades de ATC que

trata este capítulo, apresentando como a Ciranda

das Crianças foi integrada às atividades

produtivas, tornando-se uma ferramenta

facilitadora do trabalho desenvolvido

por elas.



AS CIRANDAS NO PRÓ-SEMIÁRIDO:

Experiências do projeto no Piemonte da Diamantina

Tamara Rangel de Lacerda²⁰

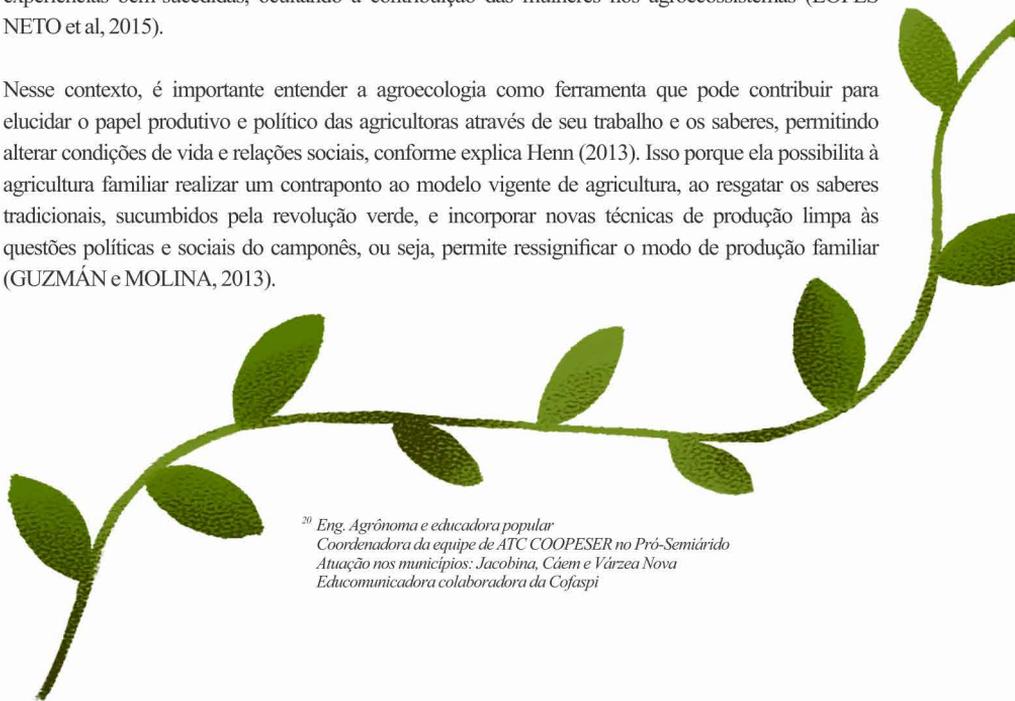
A agroecologia e a participação das mulheres e crianças

Nos princípios metodológicos da Agroecologia, a participação das mulheres e jovens é fundamental para construção dos processos horizontais de conhecimento e novas relações sociais, nas quais as famílias agricultoras devem ser as protagonistas. Isso porque o modelo agroecológico se propõe não só a mudar as relações econômicas e ambientais, realizando um contraponto ao agronegócio fomentador de impactos ambientais e de desigualdades, mas também a melhorar as condições de vida de quem trabalha na terra e dela vive.

A estrutura da sociedade patriarcal capitalista que hierarquiza o trabalho, invisibiliza as atividades que são desenvolvidas pelas mulheres. No meio rural, essas relações muitas vezes estão ainda mais conservadas e os espaços ocupados pelas agricultoras aparecem secundarizados, em clara oposição àqueles espaços tradicionalmente dominados pelos homens no trabalho produtivo e na esfera pública. Percebe-se, portanto, que na maioria das vezes os homens são apresentados como protagonistas das experiências bem-sucedidas, ocultando a contribuição das mulheres nos agroecossistemas (LOPES NETO et al, 2015).

Nesse contexto, é importante entender a agroecologia como ferramenta que pode contribuir para elucidar o papel produtivo e político das agricultoras através de seu trabalho e os saberes, permitindo alterar condições de vida e relações sociais, conforme explica Henn (2013). Isso porque ela possibilita à agricultura familiar realizar um contraponto ao modelo vigente de agricultura, ao resgatar os saberes tradicionais, sucumbidos pela revolução verde, e incorporar novas técnicas de produção limpa às questões políticas e sociais do camponês, ou seja, permite ressignificar o modo de produção familiar (GUZMÁN e MOLINA, 2013).

²⁰ Eng. Agrônoma e educadora popular
Coordenadora da equipe de ATC COOPESER no Pró-Semiárido
Atuação nos municípios: Jacobina, Cãem e Várzea Nova
Educomunicadora colaboradora da Cofaspi



Barros (2018), que parte do entendimento das mulheres agricultoras como construtoras de conhecimentos e agentes/sujeitos políticos, defende que se a agroecologia pretende ser um novo paradigma, que repense o saber de forma mais horizontal e articulado às demandas concretas do campo. Ela deve reconhecer as mulheres enquanto produtoras de conhecimentos indispensáveis para a construção de uma agricultura mais sustentável e, portanto, realizar o enfrentamento às desigualdades de gênero no campo, debatendo a divisão sexual do trabalho e estratégias de autonomia e transformação de suas realidades.

Para que isso seja possível, é indispensável que as mulheres agricultoras estejam não só presentes como também protagonistas nos espaços de construção do conhecimento agroecológico, sendo atrizes de participação política nas associações comunitárias, sindicatos, grupos produtivos, movimentos sociais e projetos de política pública como o Pró-Semiárido, que traz essa compreensão de inclusão de gênero através do debate da agroecologia e do feminismo em sua metodologia de execução.

Contudo, sabemos que as agricultoras exercem uma tripla jornada de trabalho no cuidado familiar, doméstico e produtivo no agroecossistema, sendo sobrecarregadas e, portanto, ficando impedidas muitas vezes de participar dos espaços de formação agroecológica, como as oficinas, rodas de aprendizagem e dias de campo realizados com os grupos de interesse nos territórios rurais de atuação do Pró-Semiárido. Um dos maiores desafios, sem dúvida, para que as agricultoras possam participar ativamente desses espaços é o cuidado com as crianças, que na maioria das vezes é de responsabilidade integral das mesmas. Ao mobilizarmos as famílias para participação das atividades do projeto é muito comum ouvir das agricultoras que não podem ir, seja porque tem que preparar a alimentação da família ou porque não tem quem fique com elas.

Nesse sentido, a ciranda das crianças foram pensadas pelos movimentos sociais do campo para integrá-las nas atividades de formação e possibilitar que as mães possam participar com maior protagonismo dos espaços formativos.

AS CIRANDAS: HISTÓRIA E OBJETIVOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS



De acordo com Rossetto (2010), as Cirandas Infantis surgem no Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente no Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST entre os anos de 1989 e 1995, fruto de debates de temas importantes como gênero, trabalho e coletividade. Atualmente, conforme explica a autora, a Ciranda Infantil no MST ocorre de forma permanente, organizada em alguns assentamentos, nos Centros de Formação e nas Escolas do Movimento Sem Terra e de forma itinerante durante os eventos, seminários, acampamentos e formações do movimento.

O MST define a Ciranda Infantil - hoje chamada de “Sem Terrinhas” pelo movimento – como um espaço educativo organizado, que tem como objetivo trabalhar dimensões de ser criança sem-terra como sujeita de direitos e com valores, imaginação, fantasia e personalidade em formação, vinculando as vivências com a criatividade, as relações de gênero, a cooperação, a criticidade, a autonomia o trabalho educativo, a saúde e a luta pela dignidade (MST, 2004).

Nesse sentido, as cirandas são espaços educativos planejados pedagogicamente para que as crianças aprendam a ocupar o seu lugar na organização ou comunidade de que fazem parte, promovendo trocas, aprendizados e vivências coletivas, valorizando também as manifestações culturais ancestrais.

Segundo Luedke et al. (2018), a nomenclatura Cirandas Infantis foi designada ao trabalho educativo formal e não formal voltado às crianças filhas de trabalhadores rurais, vinculado ao MST, e remete também às origens desse vocábulo na história das manifestações culturais das cirandas. Ela reformula o sentido de brincadeira como espaço intencionalmente planejado para a educação das crianças, seguindo o objetivo de promover a dança, a cultura popular e as cantigas de roda.

AS CIRANDAS DAS CRIANÇAS NO PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO



Foi a partir das experiências das cirandas dos movimentos sociais, portanto, que o Pró-Semiárido integrou como metodologia para o projeto, como proposta da assessoria de Gênero. Para isso, o Projeto previu a formação das cirandeiras e cirandeiros para se capacitarem nessa experiência, além do recurso financeiro para a estrutura das cirandas fossem aliadas a todas as oficinas promovidas pelo mesmo.

Dessa forma, nós das equipes de Assessoramento Técnico Contínuo (ATC) e dos Serviço Territorial de Apoio à Agricultura Familiar - SETAF's, quando construímos os planos de investimento sociocultural e produtivo junto com os territórios rurais participantes do projeto apresentamos a importância das cirandas e selecionamos juntos/as com eles as pessoas das próprias comunidades rurais para participar das capacitações de cirandeiras/os, que seriam responsáveis por colocar as cirandas em prática com as crianças durante o caminhar do projeto.

A proposta foi, desde o princípio, muito bem recebida pelos/as participantes dos territórios rurais, principalmente pelas agricultoras, que ficaram muito empolgadas com a ideia de ter onde deixar suas crianças para participar das formações do projeto. É preciso destacar que o Pró-Semiárido não pensou as cirandas apenas como um espaço de “creche” para as crianças esperarem pelas mães, mas sim um espaço onde elas pudessem desenvolver suas habilidades criativas, manifestações culturais, recreações e aprendizados também sobre os temas da agroecologia, ou seja, inspiradas na metodologia de cirandas dos movimentos sociais e da educação popular.

Nesse sentido, as entidades de ATC cumprem também um papel muito importante, pois são as mobilizadoras que estão em campo realizando as visitas e as oficinas do componente produtivo, levando também informações e trocas de experiências para as famílias agricultoras participantes do projeto. Essas equipes, portanto, são parceiras do processo de mobilização das cirandeiras e cirandeiros também, realizando suas atividades conjuntas e integrando as crianças aos espaços formativos. Ou seja, enquanto o/a técnico/a de ATC está realizando uma oficina ou roda de aprendizagem sobre uma das temáticas agroecológicas e produtivas, a Ciranda das Crianças está acontecendo de forma paralela, no mesmo local. Portanto, a equipe de ATC deve entender a importância das cirandas e integrá-la a seus espaços, bem como tem o papel de passar para as famílias a segurança de que as crianças estarão naquela ciranda que foi pensada para elas, junto com as cirandeiras e cirandeiros locais.

EXPERIÊNCIAS DAS CIRANDAS NO PIEMONTE DA DIAMANTINA

Na experiência da Unidade de Gestão do Projeto -UGP Jacobina, no território de identidade Piemonte da Diamantina, as equipes de ATC se somaram como parceiras também no processo das capacitações das cirandeiras e cirandeiros. A convite da assessora de gênero do Pró-Semiárido, Elizabeth Siqueira, participamos com alguns representantes das entidades desde a construção da metodologia da formação com a equipe da Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda - ARESOL, entidade selecionada para desenvolver as oficinas de formação de cirandeiras/os, até a execução das mesmas.

A primeira reunião ocorreu em março de 2019, na qual realizamos o mapeamento das participantes dos 28 territórios rurais da Unidade Gestora de Projetos (UGP) Jacobina, que foram selecionadas na fase inicial do projeto, totalizando 149 cirandeiras e cirandeiros. Esse número foi menor que o previsto, pois teríamos 224 vagas para formação no projeto. Contudo, muitas pessoas acabaram se mudando das comunidades ou não tendo mais disponibilidade para contribuir com o projeto devido ao trabalho, já que havia se passado pouco mais de um ano desde as assembleias locais em que foram indicados seus nomes. Nesse sentido, traçamos algumas estratégias para inserir mais participantes e convidar entidades e grupos de jovens parceiros locais. Na ocasião, também elaboramos um calendário de formação por agrupamento de territórios rurais de toda UGP, pensando na melhorar viabilidade logística dos encontros.

Entre os dias 15 e 17 de maio de 2019, ocorreu o encontro de formação de monitores das cirandeiras(os), equipe selecionada pela ARESOL para desenvolver a metodologia das atividades com os grupos de cirandeiras(os) posteriormente. Participamos com uma representante por entidade de ATC, para contribuir nesse momento, onde realizamos troca de experiências entre as ações desenvolvidas pelo Pró-Semiárido e a ARESOL, realizando repasses e traçando estratégias conjuntas.

Durante a formação realizamos, ainda, debates coletivos acerca dos eixos de atuação de trabalho: convivência com o Semiárido, agroecologia, infância no campo e interseccionalidade de gênero, raça e etnia. Entendemos como esses eixos deveriam estar relacionados em toda a metodologia do trabalho com as cirandeiras e cirandeiros, refletindo nas suas práticas pedagógicas durante as cirandas infantis que eles irão executar nas comunidades rurais. Nesse sentido, também trabalhamos as ações práticas desses eixos como: jogos pedagógicos, teatro do oprimido, mural de contação de histórias, rodas de cantigas, técnicas de relaxamento, confecção de bonecas de pano abayomis, leituras, samba de lata, roda griô e cinema. Discutimos a metodologia de cada ferramenta e como ela pode contribuir para ação-reflexão das crianças durante as atividades de cirandas.

Outro ponto de discussão trabalhado, e que é importante destacar, foi a relação entre as atividades da ciranda e o que está sendo realizado com as famílias das crianças nas oficinas do Pró-Semiárido, já que essa é a estratégia de funcionamento desses espaços em paralelo. Tratamos da importância de pertencimento que as crianças podem construir com o tema que os pais estão se capacitando acerca da agroecologia e convivência com o Semiárido e como eles podem estar presentes de forma lúdica nas atividades das cirandas. Esse é um ponto de destaque para o entendimento que o espaço ciranda não deve ser deslocado da realidade, ele está embasado nos princípios de educação popular e educação do campo contextualizada, ou seja, não é só um momento de “passatempo” para as crianças, mas sim educativo.

Após a formação de monitores e monitoras das cirandeiras/os, onde também foi elaborado um calendário das oficinas, iniciamos as mobilizações nos territórios rurais, convidando as cirandeiras/os para as atividades que ocorreram entre maio e setembro de 2019. Foram realizadas, então, seis oficinas de cirandeiras e cirandeiros, cada uma com participação média de 30 pessoas, com duração de três dias. Foram momentos ricos de trocas e aprendizados, onde a equipe da ARESOL pôde alcançar suas metas estabelecidas e nós das entidades de ATC participamos como parceiras desse processo, compartilhando também de algumas tarefas de apoio logístico.

As cirandeiras e cirandeiros que passaram pela experiência das oficinas de capacitação ficaram encantadas/os com a metodologia da ciranda infantil, que até então desconheciam. Eles relatam que achavam que as cirandas eram algo similar aos espaços de creche e que precisavam “apenas” tomar conta das crianças enquanto as mães estavam nas atividades do projeto. Mas, com os conhecimentos construídos nas oficinas, eles perceberam que era um momento de grande importância educativa e contribuição político-pedagógica também para as comunidades rurais, formando crianças e jovens identificados com suas realidades locais e valorização de suas culturas.

As atividades formativas de ATC do projeto passaram, a partir de então, a ter a parceria com os espaços de cirandas infantis. Avaliamos que infelizmente o período foi curto para experimentarmos mais dessa parceria nas atividades, devido a certo atraso na execução das oficinas de formação das cirandeiras/os, pois quando foram realizadas já tínhamos concretizado parte das oficinas produtivas do projeto em campo. Ainda assim, o saldo foi muito positivo para nosso avanço enquanto projeto e também para o assessoramento técnico, onde reforçamos não só a importância da presença das mulheres nos espaços, tendo onde deixar seus/as filhos/as, como também da agroecologia em incluir as crianças em seu processo de ensino-aprendizagem desde cedo.

Vale salientar também que a importância da capacitação das cirandeiras/os transcende as ações do Pró-Semiárido, sendo um acúmulo que elas/es terão sempre a oferecer para suas comunidades, associações, cooperativas e movimentos sociais dos quais fazem parte, replicando a experiência das cirandas infantis em todos seus espaços, sejam eles permanentes ou itinerantes, como já faz o MST, o MPA e outras organizações sociais que valorizam a construção do saber e da educação do campo contextualizada, que inclua o jovem e visibilize as mulheres.

As parcerias entre estado, entidades, movimentos e comunidades em todo esse processo de construção foram significativas para o resultado das ciranda no Pró-Semiárido, sendo hoje referência para muitos projetos de assessoramento técnico e políticas públicas voltadas para a agricultura familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUZMÁN, E. S.; MOLINA, M. G. *Sobre a evolução do conceito do campesinato*. Ênio Güterres e Horácio Martins de Carvalho (trad.). 2.ed. São Paulo: Expressão popular, 2013.

HENN, I. A. *Agroecologia e relações de gênero em projeto societário*. In: *Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Delma Pessanha Neves, Leonilde Servolo de Medeiros (org.). Niterói: Alternativa, 2013.

LOPES NETO, A. A.; FEITAL, A.; LOPES, I. L.; ALMEIRA, A.; TELLES, L. *Caderneta Agroecológica empoderando mulheres, fortalecendo a Agroecologia*. *Revista Agriculturas*, v. 12, n. 4, p. 43-47, dez. 2015;

LUEDKE, A. M. S.; SERRÃO, M. I. B.; ANTONIO, C. A. *A ciranda infantil do movimento dos trabalhadores rurais sem Terra (MST): uma proposta de educação para as crianças*. *Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT*, vol. 26, p. 14 – 38, jul./dez. 2018.

MST - MOVIMENTO SEM TERRA. *Educação Infantil: Movimento da vida, Dança do Aprender*. *Caderno de Educação*, São Paulo: MST, nº. 12, novembro, 2004.

ROSSETTO, E. *A educação das crianças pequenas nas cirandas infantis do MST*. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 3, n. 1, p. 103-118, jan. jun. 2010.





*Oficina de formação das/os
cirandeiras/os, facilitada pela Aresol no SETAF
Jacobina - BA - (Foto: Vanessa Rogridues)*



*Ciranda das crianças durante o Encontro das Guardiãs da
Agrobiodiversidade (Foto: Manuela Cavadas/Pró-Semiárido)*



*Crianças em ciranda pintando o
agrossistema de suas famílias no TR Padre Alfredo
Haasler, Caém. (Foto: Tamara Rangel)*



DESAFIOS DO CIRANDAR!

“Ser cirandeira/o no TR não é fácil nem para as mulheres e nem para os homens, pois nem sempre há estrutura para realizar uma formação adequada com os pais e crianças ao mesmo tempo. Em muitas localidades, onde são realizadas as oficinas, ficam muito próximas uma da outra e, muitas vezes, a Ciranda fica num local improvisado embaixo de uma árvore, aí há interferência do vento, sol e poeira, o que prejudica o processo educativo junto às crianças. No entanto, como as/os cirandeiras/os são das próprias comunidades, e a maioria são conhecidos/as das crianças, essas dificuldades são minimizadas”



José Carlos Neri
Técnico do Componente Social do Pró-Semiárido

A EXPERIÊNCIA DO SAJUC COM AS AÇÕES DE GÊNERO NO PROJETO: Ciranda das Crianças

Dulce Naiara Carvalho Ferreira²¹

Na agricultura familiar, as relações desiguais de gênero, evidenciadas na divisão sexual do trabalho, e que desvalorizam as tarefas executadas pelas mulheres são notórias, as famílias mantêm o espaço doméstico como principal lugar de trabalho da mulher e de igual forma atribuem ao homem a responsabilidade pelo trabalho desenvolvido na agricultura. A participação secundária da mulher na agricultura familiar resulta na invisibilidade “socialmente construída e intimamente relacionada com sua organização” (Carneiro, 1981:2), ou seja, no não reconhecimento e no encobrimento da sua participação na agricultura familiar. O fato de a mulher não exercer o mando do estabelecimento agrícola torna invisível sua participação (Brumer, 1990).

A anulação da figura feminina foi identificada por Engels (1984), que diz que o homem se apropria da mulher e dos filhos com o estabelecimento da linhagem paterna. Esse processo adentra o Estado, que, ao ter suas leis adequadas aos costumes, reproduz a ideia da fragilidade feminina, reafirmando a mulher como dependente do homem na família. Essa realidade desencadeia uma série de limitações à mulher e reforça o hábito de excluí-la do tempo livre para pensar, criar e participar.

Nesse contexto, as ações de gênero do projeto traçam estratégias para retirar as agricultoras da invisibilidade, proporcionando tranquilidade para que elas participem e tomem decisões, para que as crianças possam aprender a partir de uma educação contextualizada e que as/os cirandeiras/os possam somar conhecimentos ao longo das oficinas, para contribuir com as suas comunidades.

O Serviço de Assistência Socioambiental no Campo e Cidade - SAJUC, acredita que a ampla participação das agricultoras nos espaços formativos e de decisões, ao longo do projeto, se deu muitas vezes pela possibilidade de levarem seus filhos e filhas para as atividades, visto que as crianças se descontraíam de forma educativa a partir de orientações das/os cirandeiras/os. As agricultoras passaram a depositar confiança e participavam de forma ativa e tranquila nas rodas de aprendizagem e em outros espaços formativos, inclusive de atividades práticas.

É importante ressaltar que das comunidades em que atuamos no município de Casa Nova-BA, a grande maioria possui um sistema patriarcal muito acentuado, no qual muitas vezes para participarem de algumas atividades do projeto a agricultora necessita levar seus filhos/as, isso pelo fato dos homens e até das próprias mulheres das comunidades responsabilizarem as agricultoras pelo papel integral de cuidados com os filhos e filhas. Outro fator é a insegurança por parte dos homens, que surge ao permitirem que suas companheiras participem ativamente de atividades que se relacionem socialmente com outras pessoas.

²¹Engenheira Agrônoma - Coordenadora da Equipe Técnica do Saju/Pró-Semiárido.

Essas duas justificativas que pontuamos aqui são tidas, muitas vezes, como tabus nessas comunidades, pois são verdades postas pelo patriarcado e que se tornaram comuns, dificultando a reflexão sobre essas temáticas.

Desse modo, o papel do projeto Ciranda das Crianças se torna fundamental e estratégico para a participação dessas agricultoras, para a formação dessas crianças pautando um leque de dimensões já mencionadas aqui, como as relações de gênero, agroecologia, convivência com o Semiárido, entre outras. As oficinas de formação com as/os cirandeiras/os possibilitam, também, o envolvimento e aperfeiçoamento e despertam o conhecimento das mulheres envolvidas para tais temáticas que antes não eram refletidas por elas, sendo ainda remuneradas ao exercer o papel de cirandeiras nas atividades, permitindo autonomia, como também, por meio do conhecimento adquirido, obter possibilidade de ser referência no território que atua.

O SAJUC assessora oito Territórios Rurais e seis desses receberam recursos nas associações conveniadas do componente social no final do ano de 2019. Neste sentido, nos dias 11, 12 e 13 de fevereiro de 2020, foi realizada a I Formação de Cirandeiras/os de Casa Nova, no Norte da Bahia, com a presença de mulheres dos territórios Renascer a Esperança, Nova Esperança, Construindo um Futuro Melhor, Pastoral do Solo Sagrado, Futuro e Ação, Caminhando para o Futuro e União da Esperança.

Nas atividades, houve a colaboração e participação de alguns técnicos e técnicas do SAJUC, facilitado por colaboradores do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA, onde utilizou-se de metodologias do lazer e recreação, que possibilitam a exploração da psicomotricidade das crianças a serem acompanhadas pelas cirandeiras, além de despertar a criatividade dessas mulheres para a confecção de materiais pedagógicos. Ao término da formação, a agricultora Fernanda Celestino Souza, moradora da comunidade do Pintado, que faz parte do TR Renascer a Esperança, fez uma avaliação desses três dias de evento nos relatando que

“a formação das cirandeiras foi muito produtiva e conquistadora, pois através dela tiramos nossas dúvidas, compartilhamos nossos conhecimentos e dividimos nossas alegrias de exercer essa função nas nossas comunidades”.

Para Jerusalém Tolentino, “o melhor foi relembrar as brincadeiras antigas para despertar nas crianças a criatividade e a contar histórias que existiam na comunidade e já estavam sendo esquecidas”. Participaram dessa oficina cerca de 39 mulheres e um jovem. Todos mergulharam no universo infantil com a leve sensação de voltar a ser criança, conhecendo ou reconhecendo brincadeiras, confeccionando brinquedos e aprendendo a contar histórias. Por conta da pandemia do novo coronavírus as oficinas foram interrompidas, mas o processo formativo dará continuidade assim que possível. Para o SAJUC, os resultados são notórios e exitosos até aqui, afinal sem o trabalho dessas cirandeiras a participação integral das agricultoras nas metodologias do projeto, como as rodas de aprendizagem, seria dificultoso. Percebe-se também uma maior interação dessas cirandeiras nos momentos formativos, e diretamente no campo onde demonstram criatividade e habilidade para chamar a atenção das crianças, momentos educativos.



I Oficina de Cirandeiras em Casa Nova-BA

ATUAÇÃO DAS CIRANDEIRAS NAS ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS E PRODUTIVAS DO PRÓ-SEMIÁRIDO, NOS TERRITÓRIOS RURAIS DE ACESSORIA TÉCNICA CONTÍNUA DA CACTUS

Fabiola Góes²²

As mulheres, de modo geral, padecem com a herança histórica do patriarcado, principalmente relacionada à participação nos espaços de formação e tomada de decisões. A sociedade impõe a responsabilidade dos trabalhos domésticos e de cuidados à mulher. Isso ainda é mais agravante para as mulheres camponesas, que muitas vezes são privadas de participarem de espaços formais e informais de tomada de decisões e construção de conhecimento.

Compreender esta conjuntura no meio rural foi importantíssimo para que o Projeto Pró-Semiárido, por meio da assessoria de gênero, raça, etnia e geração, pudesse traçar estratégias que promovessem a participação das mulheres agricultoras nas atividades do componente produtivo e sociocultural do projeto.

Para assegurar a participação efetiva das mulheres nas atividades, é preciso garantir que seus filhos e filhas, netos e netas estejam acolhidos e seguros. Deste modo, o trabalho das/os cirandeiras/os é um avanço importante e proporciona a participação de mais mulheres, tendo dessa forma a equidade de representatividade da mulher quando comparada ao homem.

As/os cirandeiras/os tiveram oportunidade de se capacitarem para melhor desenvolverem as atividades, de modo que a participação e contribuição fossem com qualidade e responsabilidade. Elas e eles participaram de duas formações, que tiveram como objetivo prepará-las/os para lidar e cuidar das crianças. Na ocasião, conheceram brincadeiras, aprenderam a contar histórias, fortalecendo conceitos de infância relacionados as questões de gênero, raça e etnia, trabalho lúdico, leitura e escrita e, principalmente, pautando a convivência com o semiárido nas atividades.

²²Engenheira Agrônoma, técnica responsável pela equipe da CACTUS na execução Pró-Semiárido



Ciranda na comunidade de Mamota, Território Rural Giro da Serra - Ponto Novo - BA

A ciranda desempenha papel importante, pois possibilita maior participação das mães, avós e tias nas atividades do projeto. Com as/os cirandeiras(os) cuidando das crianças e desenvolvendo atividades recreativas e contextualizadas, as mães ficam tranquilas e concentradas nas atividades, sabendo que seus filhos/as estão sendo bem cuidados e estão por perto delas como afirma a agricultora Edlene Gama Trindade, que reside na comunidade de Riachão, no município de Filadélfia:

“A iniciativa do Pró-Semiárido em trazer as cirandeiras para os espaços de formação foi muito importante. A gente que é mãe precisa andar com os nossos filhos, nem sempre tem com quem deixar. E tomar conta de criança e se concentrar em uma reunião fica muito difícil, com a presença das cirandeiras, elas além de tomar conta das crianças ainda têm essa possibilidade da interação entre elas o que não deixa de ser uma forma educativa de brincar e se relacionar com crianças de outras realidades. Só tenho a agradecer ao projeto por nos proporcionar momentos formativos como estes, é bom para nós que somos mães assim como para as crianças”.

Os territórios rurais União Produtiva para o Semiárido, Rumo a Renovação, Busca Vida, Flor de Mandacaru, União para Vencer, Unidos para um Futuro Melhor e Giro da Serra contaram com a presença das cirandeiras(os), nas atividades propostas pelo Pró-Semiárido. As mães não se privaram de participar, pois o projeto disponibilizou recursos humanos, equipamentos, livros, brinquedos e outros mecanismos que ajudaram as cirandeiras(os) a cuidar das crianças.

É necessário que ações e estratégias como estas sejam expandidas para outros projetos, tornando o direito assegurado às mulheres de participação nos espaços de tomada de decisões e construção de conhecimentos, enquanto seus filhos/as participam de espaço educativo e seguro. Isso contribuirá para que as mesmas oportunidades sejam dadas para homens e mulheres.



*Ciranda na comunidade de
Riachão, Território Rural Busca Vida
Filadélfia - BA*



CIRANDAS DO FUTURO

Da formação política-pedagógica à formação para a vida

Depois de serem integradas a todas as atividades do Pró-Semiárido, a Ciranda das Crianças foram amadurecendo, as comunidades passaram a entender o papel e importância da metodologia, não apenas como o espaço em que poderiam deixar suas crianças enquanto participam de um Encontro Misto ou de uma Oficina para Produção de Silagem, mas como um espaço em que seus filhos e filhas seriam respeitados nas suas diferenças e estimulados a crescerem sem preconceitos, valorizando suas origens, características culturais e o lugar onde nasceram. Com a ciranda nasce, então, novas formas de pensar, inclusive o futuro!



UMA CIRANDA QUE GARANTE PARTICIPAÇÃO E GERA AUTONOMIA

Deyse Sayonara²³

*“Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar.
Vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar”*

- *Oh dona Maria, por que você não foi para o Encontro de Mulheres?*
- *Ah Joana, eu não tinha com quem deixar os meus filhos!*
- *Mulher, você não sabe da novidade que tem no projeto Pró-Semiárido? Toda oficina e encontro têm as cirandeiras que cuidam e desenvolvem atividades com nossos filhos e filhas, agora você não pode mais usar essa justificativa.*
- *Que maravilha!! Não sabia, Joana! Não perco mais nenhuma oficina e encontro do projeto.*

Esse diálogo poderia ser facilmente ouvido no início da implantação da Ciranda das Crianças nas comunidades. A novidade chegou e muita gente ficou feliz, sobretudo as mulheres. Por meio da Ciranda das Crianças, com cantigas de roda, jogos, brincadeiras infantis, contos, poesias, teatro resgatando a cultura das comunidades, o Pró-Semiárido tem buscado o desenvolvimento e fortalecimento organizacional nos territórios rurais, bem como o empoderamento e a participação das mulheres agricultoras nos espaços de discussão.

Na Unidade Gestora de Projetos (UGP) de Jacobina, essa atividade foi desenvolvida em 16 territórios rurais, um quantitativo de 90 cirandas e 735 crianças envolvidas, distribuídas entre as atividades do Componente Social e Produtivo. De forma lúdica e descontraída, as cirandas foram realizadas nos territórios durante as formações. As/os cirandeiras/os eram responsáveis pelo acolhimento das crianças no momento em que elas chegavam com as mães, pais ou algum representante da família e eram levadas para um espaço separado da formação, onde as crianças passavam por um processo formativo, abordando diversas temáticas específicas do Pró-Semiárido, além de desenvolverem atividades relacionadas como leitura de poesias, pinturas, danças, a produção de cordel, objetivando fortalecer a união e o respeito entre as mesmas. Ao final do encontro, realizavam apresentações para os pais que se sentiam orgulhosos e emocionados diante de tamanha grandeza.



Meu nome é Ayane Isabel, tenho 5 anos e adoro participar das cirandas porque eu aprendo muitas coisas lá, a gente canta, dança e gosto dos lanchinhos que são muito gostosos. Quando eu vou para Santa Luzia eu adoro, porque eu encontro minhas amigas e a gente brinca muito. A parte que eu mais gosto é da apresentação que a pró leva a gente para apresentar lá na reunião. Eu tô com muita saudade da minha escola e das cirandas. Eu quero que esse corona vá logo embora.

Depoimento de Ayane Isabel do Assentamento Lagoa de Dentro, município de Orolândia, permitido pela mãe.

²³Assistente Social, pós-graduada em gestão em programas de saúde da famílias e técnica de desenvolvimento humano e social no Projeto Pro-Semiárido.

Dentre as ações de gênero, a Ciranda das Crianças tem promovido a participação integral das mulheres nas atividades formativas do projeto. Antes de aplicar a metodologia nos territórios, as cirandeiras passaram por uma formação organizada pela ARESOL, na UGP de Jacobina, em ação conjunta com a Assessora de Gênero, Raça/Etnia e Geração. Foram realizados cinco módulos, contemplando os territórios rurais do Piemonte da Damantina e Bacia do Jacuípe.



“A Ciranda das Crianças é muito importante porque trabalha com as crianças e resgata a nossa cultura, as brincadeiras, as rodas das cirandas, fazendo com que as crianças participem das atividades, se desenvolvam, tenham mais conhecimento. Particpei da formação das cirandeiras, levei o meu filho e ele foi bastante participativo nas atividades, interagiu com as outras crianças. Ele é um pouco tímido, não tinha costume de fazer apresentações em público e ele fez algumas atividades junto com as cirandeiras que estavam dando o curso e até apresentações ele fez para o público, apresentou pra todo mundo, eu fiquei muito feliz, é muito gratificante, porque é algo que estamos aprendendo e ensinando ao mesmo tempo. Nas reuniões do projeto ou outro tipo de evento, a gente pode tá trabalhando as cirandas para deixar os pais mais a vontade nas reuniões, onde eles/elas ficam mais participativos nas atividades sabendo que as crianças estão sendo bem cuidadas, estão tendo um desenvolvimento também nas atividades. Eu fiquei muito feliz com o trabalho, é uma forma de crescimento nas comunidades”.

*Agente Comunitária Rural
Geisiane Assis - TR Licuri - Serrolândia.*



Durante a formação, vários temas foram trabalhados, desde o que é ser cirandeira/o, convívio com o Semiárido, relações de gênero, divisão social do trabalho, dinâmicas de acolhimento, brincadeiras de criança, cantigas de roda, jogos e confecção de instrumentos musicais, como forma de proporcionar uma excelente formação para as crianças, baseada nos princípios agroecológicos e na equidade de gênero.



*Formação das Cirandeiras. FEPAJ Jacobina - BA
Novembro, 19. Foto: Pró-Semiárido*



*Ciranda das Crianças. TR Cantagalo-Saúde,
Encontro de Mulheres. Janeiro 2020. Foto: Pró-Semiárido*



*Ciranda das Crianças. TR Cantagalo-Saúde.
Oficina de Associativismo. Outubro 2019. Foto: Pró-Semiárido*



*Ciranda das Crianças. TR Cantagalo-Saúde.
Oficina de Associativismo. Outubro 2019. Foto: Pró-Semiárido*

Através de tais reflexões, nota-se a relevância desse momento para as crianças, principalmente para as mães que participam integralmente das formações e encontros.

“Eu Ivaneide, estudante, mãe, agricultora e participante do projeto Pró-Semiárido, resido no assentamento Santa Luzia em Ourolândia, acho muito importante a participação das cirandeiras no projeto, pois as crianças interagem mais com as outras, além de se desenvolver no espaço. Nessa perspectiva, as mães se mantêm em sintonia com a realidade, pois ocupam seu espaço em busca de conhecimento e no fortalecimento das questões de gênero. Enquanto as mães participam das reuniões e debates, as crianças estão em outro espaço de formação. As mulheres, na maioria, são mães, têm suas obrigações com as crianças em casa e muitas vezes elas não vão para as atividades porque não têm com quem deixar os filhos/as. É evidente que as mulheres têm que ocupar os seus espaços nas formações, por isso é fundamental que elas levem seus filhos/as para esses ambientes formativos, uma vez que sempre vai ter a cirandeira para cuidar. Eu mesma aprendo mais, consigo absorver e fico mais informada nas oficinas, fico mais tranquila em relação à minha filha.”



Carlos Almeida dos Santos, pai, morador no Projeto de Assentamento Santa Luzia em Ourolândia destaca a importância da Ciranda das Crianças:

“Faço parte do Projeto Pró-Semiárido no qual tenho minha colocação referente a Ciranda e a importância do trabalho das cirandeiras, pois trazem conhecimentos, brincadeiras, esbanjando alegria, trazendo muitas histórias antigas e respeito entre as crianças. No momento em que estamos em reuniões, oficinas, nossos filhos estão bem guardados com as cirandeiras e nós ficamos mais tranquilos, buscando mais conhecimentos, mais aprendizado, além da alimentação sem agrotóxicos, tudo natural, fruto da terra.”



*Ciranda das Crianças, TR Nova Esperança - Serrolândia, Encontro Misto, Novembro 2019.
Foto: Pró-Semiárido*

“As mulheres que levam as crianças para as reuniões têm a oportunidade de participar integralmente das atividades, das oficinas do projeto e as crianças têm seu cantinho, seu espaço pensado especialmente pra elas, que a gente prepara, enfeita com os balões, organiza as atividades pra elas e brincadeiras, onde interagem com outras crianças. A ciranda é importante porque dá oportunidade às mães de adquirir conhecimento e a tranquilidade de saber que tem alguém cuidando dos seus filhos/ as enquanto elas estão ali na reunião.”

Kessia Soares da Silva - Cirandeira do Território Fibra Forte - Várzea Nova



*Ciranda das Crianças. TR Fibra Forte - Várzea Nova.
Encontro de Mulheres - Novembro 2019. Foto: Pró Semiárido*



“Meu nome é Jarlison, sou morador do Projeto de Assentamento de Lagoa de Dentro que é contemplado com o Pró-Semiárido, sou cirandeiro e estou aqui para falar um pouco do projeto da ciranda nos encontros. Como cirandeiro eu percebo que muitas vezes as mães ficam restringidas de virem até o encontro, por se preocuparem demais com os filhos e filhas, por não ter com quem deixá-los, muitas vezes porque a criança é hiperativa, agitada, ela não costuma ficar sozinha, não sabe se portar de maneira adequada nos encontros, porque a gente sabe que criança é agitada, criança gosta brincar, criança gosta de zuada mesmo, de barulho. E eu percebo que após a implantação das cirandas nos encontros, muitas mães até aqui da minha área mesmo, estão participando com mais frequência, volta e meia vão ali dão uma olhadinha como é que os filhos e filhas estão, o que estão fazendo e

quando elas vêem que eles/elas estão brincando, estão se divertindo, estão entretidos, ficam até mais aliviadas e mais participativas, porque tiram um peso a mais da cabeça.

Com relação às crianças, a gente vê que muitas se sentem tão a vontade nas cirandas, quando os encontros acabam simplesmente elas não querem sair, elas ficam tão bem no ambiente, na coletividade, nas brincadeiras, que até quando não há encontro eu percebo muitas perguntas tipo vai ter aquela brincadeira ali quando? Quando vai ter outro encontro? E isso é muito satisfatório. Com relação ao meu posicionamento quando surgiu a proposta de ter um cirandeiro ou uma cirandeira e chegou até a mim a proposta eu não pensei duas vezes, porque isso vai me ajudar muito no meu futuro, porque estou pretendendo, eu quero, vou ser professor quando terminar a faculdade e já é uma experiência, essa troca de conhecimentos, esse ensinar e aprender junto com a criança, saber como lidar com a criança é bem satisfatório e a gente vê que as mães ficam tão agradecidas que um obrigado quando termina o encontro, um muito obrigado, valeu, já vale por um dia todo de trabalho. Quando a gente sai e vê o encontro terminando e as crianças correndo para os braços das mães e perguntando quando que vai ter outro, é muito bom!!”

Enquanto as mães participam do Encontro de Mulheres, as crianças interagem no espaço reservado para a Ciranda das Crianças.



Para Adonias, pai e participante do projeto do Terirório Padre Alfredo Haasler - Caém / BA:



“A importância das cirandeiras nos eventos vai proporcionar uma boa participação dos pais em todos os debates, compreendendo melhor o assunto do tema trabalhado, as cirandeiras também vão ensinar assuntos de interesse das crianças e voltados para a agricultura familiar.”



Ciranda das Crianças, TR Umbuzeiro - Ourorândia, Encontro de Mulheres, Janeiro 2020. Foto: Pró-Semiárido



“Estar como cirandeira é maravilhoso, além de você aprender muito, você ganha um dinheiro extra, isso é muito bom. Eu sou apaixonada por crianças e me identifiquei muito como cirandeira.”

Aline Santos Rocha - Cirandeira do Território Licuri - Serrolândia - BA

Diante da abordagem supracitada, percebe-se a importância da Ciranda das Crianças e a valorização do trabalho das cirandeiras, constatadas através dos depoimentos de agricultoras e agricultores, ACRs e das cirandeiras e cirandeiros, entretanto alguns desafios surgiram para a implementação dessa ação nos territórios. Vale destacar a ausência de um espaço destinado para a realização das cirandas em alguns territórios, tendo que dividir o local onde acontece a formação com os pais, dificultando o entendimento na maioria das vezes.

Em territórios rurais onde o kit cirandeira ainda não tinha sido adquirido, foram utilizados materiais de acordo a realidade da comunidade, além dos materiais didáticos levados pela técnica (folha de papel ofício, lápis de cera, lápis de cor, borracha, canetas, papel madeira), passatempos do projeto e bexigas.

A morosidade no repasse do recurso para a entidade prestadora de serviço (ARESOL) executar as formações dificultou o processo para capacitação das/os cirandeiras/os. Muitas já realizavam a ciranda, mesmo sem ter passado pela formação, apenas com as orientações da técnica do componente social.

Em relação ao monitoramento da Ciranda das Crianças, para refletir sobre o trabalho e os conteúdos que estavam sendo explanados pelas cirandeiras e cirandeiros em todos os territórios, poderia ter sido mais intensificado, se além da técnica responsável pela formação/encontro tivesse outra colaboradora dando suporte à ação. Vale ressaltar a desistência de algumas cirandeiras por não terem disponibilidade de tempo e não se identificarem com a realização do trabalho.

Enquanto técnica do componente social, avalio esta ação de extrema importância para o fortalecimento organizacional, pois a ciranda vai além do projeto, visto que é uma ação formadora, com troca de experiências, despertando nas crianças o sentimento de pertencimento ao local de origem, além de trabalhar os princípios agroecológicos e de convivência com o Semiárido, temáticas com enfoque de gênero, raça/etnia, sustentabilidade, o protagonismo da agricultura familiar e a valorização do meio rural, resgatando também as tradições culturais e as brincadeiras antigas. É maravilhoso ver os olhinhos das crianças brilhando de alegria ao participarem das cirandas, das apresentações realizadas para os pais com muito amor e as carinhas de tristeza quando a ciranda finaliza.

Tomo a salientar que a partir desse trabalho realizado nos territórios, muitos poderão se tornar pessoas de referência para assumir funções na diretoria de associações, cooperativas, grupos de mulheres, contribuindo para melhoria na qualidade de vida nas comunidades e o empoderamento das organizações sociais, pautado no desenvolvimento sustentável.



Material - Kit Cirandeira

PRECISAMOS DAR AS MÃOS, FORTALECER AS CIRANDAS E ASSIM GARANTIR MAIS MULHERES NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Aline Martins da Silva²⁴

Assim como nas brincadeiras de rodas infantis, a cirandas das crianças do Projeto Pró-Semiárido é uma ação que transmite união e alegria e de mãos dadas em torno de muitos objetivos seguem versando em um ponto comum: assegurar a participação das mulheres nos espaços políticos e sociais.

Se você já se perguntou “com quem vou deixar meu filho/filha para participar de uma reunião?” ou se você simplesmente já deixou de participar de alguma atividade porque a criança sob sua responsabilidade não tinha com quem ficar, você entenderá e se alegrará com o “Projeto de Formação das cirandeiras e cirandeiros” e caso você tenha o privilégio de nunca ter passado por privações porque tinha apoio com as responsabilidades das crianças você sabe o quão importante é contar com um “apoio”.

O projeto de formação de cirandeiras e cirandeiros tem um papel didático muito importante, pois atua em uma área que muitas vezes passa despercebida, mas que é bastante conhecida por muitas mulheres, que ao cuidar sozinha das crianças não têm com quem deixá-las para participar de uma atividade externa, fazer um curso de formação, ir para a reunião na associação, participar de uma atividade em prol da comunidade e até mesmo ter um momento de lazer ou descanso.

As cirandas constituem-se num espaço onde as crianças e pré-adolescentes podem ficar para que suas mães ou responsáveis possam participar dos movimentos políticos, pedagógicos e/ou reuniões, formações, respondendo assim a uma grande lacuna que impossibilitava essa participação feminina nos referidos espaços.

Além disso, as cirandas, por meio de atividades lúdicas, abordam temas que são instrumentos de modificação ou conscientização social nas crianças (importância de viver a infância, relações afetivas, reconhecimento do espaço em que vive, clima, cultura, alimentação, preservação do meio ambiente, brincadeiras onde meninos e meninas tenham os mesmos direitos e oportunidades, conhecer histórias onde mulheres são protagonistas e fortalecer o respeito mútuo e contínuo entre as crianças e os adultos) e que ajudam as crianças a obterem uma consciência livre de machismo, racismo e outros preconceitos perigosos para elas e para a sociedade.

As políticas públicas para mulheres, ao longo da história, têm sido elaboradas e propostas por homens, dentro de uma concepção e perspectiva masculina, hierárquica e paternalista. Adotar uma perspectiva de gênero é lançar um novo olhar para a sociedade e evidenciar que ela é estruturada com base em uma ordem desigual, destrutiva, opressiva e patriarcal. Assim, as cirandas são um importante exercício também para os/as gestores públicos perceberem como ações educativas para as crianças podem afirmar a participação mais ativa das mulheres nas atividades produtivas e organizacionais, igualando para elas os direitos garantidos aos homens (pais ou não pais).

²⁴Formada em Nutrição (2007), especialista nas áreas de Gestão de equipamentos públicos para combate à fome (2010, MDS) Gestão Pública e Promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (2012, UFRGS) e Feminismos e suas lutas pelos direitos das mulheres (2020, UFRGS)

Muitos são os obstáculos vividos por muitas mulheres no Brasil, e essa medida ajuda a promover a equidade entre homens e mulheres e diminuir esses desafios.

- **Afinal, quem define as políticas para as mulheres?**
- **Por que não existem mais creches e escolas integrais públicas?**
- **Por que existem poucas mulheres nos cargos de poder?**

Quando o IBGE (2016) revela que as mulheres rurais trabalham em média 16 horas a mais do que os homens, um alerta deve ser ligado para garantir que essa média seja diminuída. A recente pesquisa das cadernetas agroecológicas realizada com as mulheres dos projetos FIDA no Brasil revelou também que 80% das mulheres rurais não trabalham fora de casa e que 86% delas são as principais ou únicas responsáveis pelo trabalho doméstico.

Esses dados acima explicitam o que está oculto, visibiliza o que está escondido, vocifera o silenciado e é através do olhar com a perspectiva de gênero feminista que se podem incluir ações capazes de revolucionar as ordens e as relações desiguais para mulheres e homens.

As cirandas são capazes também de identificar como a sociedade atribuiu às mulheres a obrigação do cuidar e também do cuidar sozinha. As mulheres, ao assumirem a maternidade, não precisam se anular de participações em espaços públicos, da formação acadêmica e nem devem ser privadas do direito de ir e vir, mesmo que mães solo. E é importante que o Estado apoie essa divisão de tarefas que hoje recai diretamente sobre as mulheres. Por isso, a Ciranda se apresenta não só como um espaço que oportuniza a presença de mais mulheres nos eventos, como também um local que reflete as necessidades de políticas públicas específicas para crianças e mulheres. É necessária ainda, a promoção de campanhas educacionais para que os homens excluam o termo “ajuda” dos seus vocabulários e comecem a dividir as tarefas com a casa e com os filhos, pois onde tem igualdade não existirá ressentimento e todos saem ganhando.

“Ao dizermos que os pais estão ‘ajudando’, o que sugerimos é que cuidar dos filhos é território materno, onde os pais se aventuram corajosamente a entrar. Não é. Você consegue imaginar quantas pessoas seriam hoje mais felizes, mais equilibradas e contribuiriam mais com o mundo se os pais tivessem tido presença ativa durante a infância delas?”

(Adichie, Chimamanda Ngozi)

Desse modo, é fundamental que o Projeto de Formação das cirandeiras e cirandeiros seja reconhecido como uma ação essencial para garantir maior participação feminina nas atividades do Projeto Pró-Semiárido e seja reconhecida como uma boa prática inovadora, contemporânea e de sucesso, que necessita ser replicada em outros espaços públicos e privados e que impacta no fim dessa dicotomia entre o público e o privado, que se consubstanciou na divisão sexual do trabalho, ditando homens como provedores e mulheres como cuidadoras.





ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DO FUTURO!

77

Isadora Freitas
Técnica em Desenvolvimento
Social - Pró-Semiárido

Percebe-se que para o desenvolvimento

territorial, não basta abordarmos somente as temáticas voltadas para mulheres, homens e jovens, evidenciamos também a importância de inclusão das crianças neste processo de aprendizagem, pois elas serão o futuro das comunidades. Sabemos que o êxodo rural da juventude vem acontecendo em grandes proporções, devido a diversos fatores que infelizmente impulsionam essa ação; assim como a desvalorização das culturas existentes nas comunidades é um fator que intensifica a perda identitária. Nota-se que desenvolver um trabalho bem fortalecido com as crianças, onde o pertencimento é um eixo fundamental, a realidade dessa estatística pode ser mudada.

Nesse sentido, a Ciranda das Crianças é um espaço de grande importância, pois através do trabalho executado pelas/os cirandeiras/os, é possível inserir as crianças nesses espaços coletivos, onde seus pais já frequentam e também proporcionar um espaço de sociabilidade, onde um olhar sobre as temáticas de grande relevância para o desenvolvimento rural de suas comunidades é aprofundado.

O trabalho desenvolvido pelas/os cirandeira/os é essencial para a realização efetiva dessa atividade, pois as/os mesmas/os são responsáveis por conduzir essa ação educacional junto às crianças. Por esse motivo, a Formação das Cirandeiras e Cirandeiros executada pelo Instituto Rumos, assim como as demais entidades parceiras do Projeto Pró-Semiárido, foram tão importantes para apropriar essas mulheres e homens sobre as ações didáticas fundamentais para o desenvolvimento metodológico das cirandas. Notou-se um grande avanço nas ações das cirandas após a participação das/os mesmas/os nas oficinas disponibilizadas nas formações.

Vale ressaltar que muitas mulheres demonstraram um maior interesse pela atividade, uma vez que, nas participações das oficinas as mesmas tiveram a oportunidade de se distanciar um pouco de suas rotinas domésticas, ou de um cotidiano muitas vezes explorado, onde suas funções não são reconhecidas, tampouco valorizadas. E na formação e na atuação como cirandeiras essas mulheres puderam ter a oportunidade de se inserir em outro contexto que lhes proporcionou uma grande identificação pessoal. Através de relatos, foi evidenciado o empoderamento pessoal e a descoberta dessas mulheres enquanto protagonistas das ações nos seus lares e nas vivências comunitárias. O reconhecimento das mesmas enquanto sujeito essencial no território é de um ganho imenso para o fortalecimento e desenvolvimento das comunidades em que estão inseridas. Em consequência disso, presenciamos cirandas onde os espaços formativos foram pautados por métodos educacionais e por cirandeiras sensibilizadas através de um processo de descoberta interna.

Quem entrou na roda?

A CIRANDA EM NÚMEROS

A Ciranda das Crianças é uma estratégia de ação de gênero no Pró-Semiárido, mais abrangente, pois além de possibilitar a participação e inclusão das mulheres - garantindo uma abordagem transversal em todas as atividades socioculturais e produtivas realizadas - visa o empoderamento das mulheres enquanto sujeitos políticos e a transformação das relações sociais de gênero ainda tão desiguais, ao provocar uma problematização sobre a divisão sexual do trabalho de cuidado com os filhos e filhas.

REALIZAMOS ATÉ
FEVEREIRO DE 2020
(ANTES DA PANDEMIA)

386
CIRANDAS DAS CRIANÇAS

528 + 70
CIRANDEIRAS CIRANDEIROS
PARTICIPARAM DA ORGANIZAÇÃO
DAS CIRANDAS

AO TODO
192
COMUNIDADES
RURAIS

26 MUNICÍPIOS
E **48**
TERRITÓRIOS
RURAIS PARTICIPARAM
DAS CIRANDAS



NAS 386 CIRANDAS DAS CRIANÇAS PARTICIPARAM UM TOTAL DE

1.590
CRIANÇAS

1.351

NAS COMUNIDADES

+

239

OUTROS EVENTOS

- Para desenvolver a ação institucional estratégica da abordagem de gênero e geração, Ciranda das Crianças - é fundamental estar no desenho do projeto e ter orçamento específico para essa ação. Para a realização desta ação, de forma qualificada, precisamos investir na dimensão pedagógica através da formação das/os cirandeiras/os, nos kits Cirandeiras, nos materiais didáticos e nas despesas com as diárias das cirandeiras/os e com deslocamento.

INVESTIMENTOS NAS ATIVIDADES

R\$ 946.376,00	Investimentos aplicados na formação das cirandeiras e cirandeiros
R\$ 54.656,00	Sensibilização: 03 Encontros de 03 dias por Setaf
R\$ 300.000,00	Convênio com IRPAA
R\$ 368.394,00	Convênio com RUMOS
R\$ 223.326,00	Convênio com ARESOL
R\$ 179.633,32	Investimento total na aquisição dos Kits Cirandeiras
R\$ 40.579,61	Despesas com diárias das/os cirandeiras/os, deslocamento e materiais
R\$ 38.364,34	Impressão do Caderno Orientador Ciranda das Crianças
R\$ 1.204.953,27	Valor TOTAL aplicado na atividade

BOAS PRÁTICAS!

- Formação das cirandeiros e cirandeiros para a formação profissional, técnica e política das mulheres e homens das próprias comunidades da região semiárida.
- Cirandeiros e cirandeiros, como agentes educativos na condução das cirandas, superando a ideia de cuidadores das crianças, que traziam de suas comunidades.
- A estruturação teórico-metodológica da formação de cirandeiros e cirandeiros.
- A importância da capacitação das/os cirandeiros/os transcende as ações do Pró-Semiárido, sendo um acúmulo que elas/es terão sempre a oferecer, replicando a experiência das cirandas, para suas comunidades, associações, cooperativas e movimentos sociais.
- Parceria com as entidades formadoras Instituto Rumos, IRPAA e ARESOL na elaboração e realização da formação das cirandeiros e cirandeiros.
- Trabalhar com educação contextualizada, oportunizando a esses sujeitos uma postura crítica e reflexiva.
- Promover a reflexão e reconhecimento das práticas educacionais do campo, através do resgate de brincadeiras, cantigas, místicas e/ou valores sociais positivos acerca da infância e das relações intergeracionais.
- Construir com os cirandeiros e cirandeiros os instrumentos político-pedagógicos de suas intervenções junto às crianças.
- Metodologia utilizada envolveu as crianças nas aprendizagens que interagiam ativamente nas atividades musicais, na contação de histórias e na realização das brincadeiras.
- Garantir que, durante as formações das/os cirandeiros/os, as mulheres pudessem trazer seus/as filhos/as pequenos consigo, para participar da Ciranda das Crianças nos próprios espaços da formação.
- Cirandeiros/o monitores/as e voluntários/o durante a formação, estudantes de Pedagogia da UNEB.
- Elaboração e utilização de um Caderno Orientador para as cirandeiros e cirandeiros.
- Ter na formação de cirandeiros e cirandeiros uma equipe de profissionais multi e interdisciplinar.
- Envolver os homens como cirandeiros, na perspectiva de desconstrução dos preconceitos de gênero.

LIÇÕES APRENDIDAS!

- Ao oportunizar que pessoas das próprias comunidades assumissem o papel de agentes educativos na condução das cirandas como cirandeiros e cirandeiros, possibilitou-se o resgate da autoestima e o sentimento de valorização na comunidade.
- A estratégia da Ciranda das Crianças é assertiva na ampliação das possibilidades para que as mulheres camponesas adentrem com mais condições de participação.
- O resgate da cultura, da poesia, das cantigas de roda, dos jogos e brincadeiras e a contação de histórias fortalecem a identidade e facilita o aprendizado.
- O cuidado com as crianças também é coisa de homem.
- A Ciranda das Crianças resgata e valoriza os aspectos culturais, ambientais e estéticos das comunidades camponesas, com ênfase na igualdade de gênero e no respeito à diversidade.
- As cirandas são estratégias preponderantes, para integrar as crianças ao projeto Pró-Semiárido, sob uma perspectiva político-pedagógica.
- As brincadeiras com elementos sonoros, possibilitaram a reflexão lúdica sobre aspectos como percepção auditiva e corporal, concentração, curiosidade e emoção.
- A multidisciplinaridade nas equipes técnicas das entidades formadoras ARESOL, RUMOS e IRPAA, com profissionais qualificados de diversas áreas garantiu a diversidade temática e metodológica.
- A experiência demonstrou o quanto ainda é necessário refletir sobre as relações sociais de gênero, com as mulheres e com os homens rurais.
- A participação de apenas 70 homens como cirandeiros, muito pequena em relação ao número de mulheres cirandeiros, 528, reforça a reflexão que os homens precisam estar mais envolvidos no ato de cuidar das crianças.
- A importância da priorização de práticas educativas, onde a construção dos conhecimentos seja parte fundamental e o quanto a partilha das experiências das pessoas envolvidas na ação contribui diretamente para a sua sensibilização e o seu engajamento.
- A Ciranda das Crianças contribui no processo de sucessão familiar ao incluir, valorizar as crianças e pré-adolescentes como sujeitos sociais de direitos, com sentimento de pertencimento e identidade, ao aprender desde cedo a ocupar o seu lugar na organização e na comunidade.
- As cirandas fortalecem as ações intergeracionais, ao colocar os diversos sujeitos em diálogo.
- A ciranda das crianças se apresenta não só como um espaço que oportuniza a presença de mais mulheres nos eventos, mas também um local que reflete as necessidades de políticas públicas específicas para crianças e mulheres.



A CIRANDA DAS CRIANÇAS ALCANÇAM OUTROS ESPAÇOS

Lorena Melo

Técnica do Projeto Bahia Produtiva - BIRD/CAR/SDR Governo do Estado

Em atividades de capacitação do projeto Bahia Produtiva, realizadas no Território Sertão do São Francisco, em parceria com o projeto Pró-Semiárido, tive a oportunidade de inserir nas programações a proposta pedagógica da Ciranda das Crianças, que receberam a formação do Pró-Semiárido, para aquecer a participação das mães nos encontros e seminários realizados por nós.

Destaco aqui a minha experimentação em relação à inclusão do trabalho das/os cirandeiros/os nos temas abordados nos eventos de capacitação que conduzi. Todos eles com temas voltados para o desenvolvimento da comunidade e o fortalecimento da agricultura familiar e ambiental. Para alcançar o objetivo proposto, a/o cirandeira/o trabalha com as crianças numa metodologia brincante, em forma de oficina, que leva a turma a desenvolver estudos de realidade fundamentais para a compreensão da relação escola x comunidade x desenvolvimento. A ciranda brincante, juntamente com a atividade em execução, organizam um espaço para apresentação do trabalho realizado, onde as crianças socializam o conhecimento e possibilitam trocar experiências, brincando. Essa atividade é considerada um dia de encontro, transformando-se em manifestações culturais bastante significativas, e envolve emocionalmente a todos. A Ciranda leva a reflexão dos pais, avós, irmãos, tios, técnicos e convidados ali presentes, jamais se ouvira uma apresentação daquelas. As crianças apresentam um trabalho em reunião de gente grande para toda comunidade! Os espectadores ficam atentos às falas. Quem falava não eram apenas os técnicos, mas as crianças da Ciranda! O sentimento de alegria cintilava no olhar de todos os presentes.

Por fim, a inserção da Ciranda compartilhada com as atividades realizadas no Projeto Bahia Produtiva em parceria com Pró-Semiárido, com eventos de capacitação integrados, coloca em movimento as comunidades como fontes inspiradoras, com a capacidade de viver e criar um espaço brincante de lazer; articuladas no encontro dos mais velhos com os mais moços, numa vivência comunitária, educativa e afetiva. Nesse sentido, a metodologia adotada com a experiência da Ciranda se mistura numa diversidade que entra em harmonia com a força desse lugar.

CONCLUSÃO

“Pra se dançar ciranda, juntamos mão com mão”

Assim como na ciranda de Lia de Itamaracá, é preciso juntar “mão com mão” para possibilitar que a ação da Ciranda das Crianças seja multiplicada e seja luz na vida de mais mulheres, crianças e homens em todos os rincões do Brasil e do mundo. A metodologia simples tem intrincada em sua aplicação o tratamento de temáticas complexas junto às crianças, mas que paradoxalmente são passadas de forma fluida através do lúdico, portanto os impactos decorrentes da adoção da Ciranda das Crianças, enquanto estratégia para assegurar a equidade de gênero e o empoderamento das mulheres na execução do Pró-Semiárido, atestam a sua importância para o sucesso do projeto.



É válido afirmar ainda que para se alcançar resultados econômicos e estruturais, comumente colocados em escala de maior importância, é fundamental pensar nas relações humanas que servirão de pano de fundo no desenvolvimento dessa política, considerando-as como fator preponderante para o sucesso da iniciativa. Nesse contexto, a Ciranda das Crianças não só serviu como instrumento revelador do cenário social no qual o projeto estava inserido, como também permitiu uma atuação direta junto às famílias, ao refletir sobre a dinâmica das relações humanas no contexto rural, e intervir, de forma agregadora e participativa, na construção de uma perspectiva descentralizada, a partir da participação efetiva de todos os membros da família nas atividades do projeto.

Para tanto, foi preciso repensar o cuidado com as crianças e entender tratar-se de uma responsabilidade compartilhada, não apenas no contexto do núcleo familiar, mas também da comunidade. Assim, a criança passou a ser considerada, de fato, como um dos públicos-alvo do projeto e o olhar para a mulher, mãe, agricultora, jovem e chefe de família ganhou um novo contorno, para que fosse possível visualizar as inúmeras posições que ela exerce e, consequentemente, a sua importância não apenas sob a égide do seu papel social enquanto cuidadora dos filhos/as e netos/as, mas também político e econômico.

Cabe destacar aqui a inserção de forma espontânea de 70 homens na função de cirandeiro dos/as 598 agricultores/as que passaram pela formação, o que representou um percentual de 11,7%, sinalizando a expressiva participação de mulheres na atividade, mas que permitiu ampliar a discussão sobre o papel de cuidar, desvelando novos entendimentos sobre as relações de gênero no campo, demonstrando, também, a eficácia da estratégia. Ressalta-se ainda a linha pedagógica adotada na formação e execução da Ciranda das Crianças, ao tratar de temas que englobam as questões geracionais, étnico-raciais, sobre a sexualidade, convivência com o Semiárido entre outros.

A Ciranda das Crianças, além da excepcionalidade de sua proposta, ao tempo que é uma estratégia de vanguarda entre os projetos FIDA no mundo, vem se configurando não somente como uma estratégia que dá suporte à operação do Pró-Semiárido em campo, mas como uma ação pedagógica de formação popular, com bases suficientemente fortes, com vistas à sustentabilidade das ações do projeto a longo prazo.

Nesse sentido, a adesão da Ciranda das Crianças no bojo das metodologias utilizadas pelas organizações parceiras do projeto, principalmente aquelas que prestam Assessoramento Técnico Contínuo às famílias agricultoras, sinaliza para a efetiva sustentabilidade e continuidade dessa ação, sobretudo enquanto estratégia para inclusão da focalização de gênero e geração nas atividades destinadas ao combate à pobreza rural, convivência com o Semiárido e desenvolvimento de uma agricultura familiar de base agroecológica, amparada por um tecido social forte, consciente e autônomo.

Assim, a Ciranda das Crianças contribui para um legado que crescerá com as crianças do Semiárido, construindo riquezas que serão medidas no futuro pela capacidade delas em construir uma vida com menos violência, maior capacidade reflexiva, mais liberdade, autonomia e dignidade.



Investindo nas populações rurais



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO RURAL



ISBN: 978-65-994888-1-8

